

DIÁRIO (FICTÍCIO)RIO

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

ESTABELECIMENTO DE
TEXTO

Por LUIZA LOBO

VOLUME 3

PROSA

OS MANUSCRITOS DE Z.

RIO DE JANEIRO

LITCULTNET

2013

DIÁRIO (FICTÍCIO)

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

1º FEVEREIRO

Voltar aos dez minutos por dia, depois de alguns meses, que parecem vazios. O que ocorreu foi em geral muita dor, muito infortúnio e uma visão negra das coisas. De fato, esta visão permanece e repousa em mim uma dor: de que não há mais nada nesta vida em que eu possa crer. Vivo no interior de uma desesperança que é finalmente completa: nada mais posso esperar. É a velha desesperança que já se encontrava instalada e que não perde a oportunidade para se apresentar.

E isto tudo ocorre mesmo quando estou em pleno trabalho-oração em relação a Shiva. Neste trabalho-oração, pretendo estar mexendo com minhas energias fundamentais, minha Kundalini. No entanto, apesar disto, eu tive um dia tomado de dor e de sentimentos de desvalor – tão antigos e tão conhecidos.

Mas não estou para estas descrições e sim para alguma atividade criativa que se manifeste nestas linhas e neste trabalho de escrever cotidiano ao qual pretendo voltar.

Sei que estou às voltas com a tese e com a pesquisa sobre a ética, mas tenho tempo para outras coisas. É certo que sinto a barreira da publicação – sinto que sou ignorado pelo jornal do Brasil. Mas isto não parece razão e o que pretendo fazer é continuar produzindo e realizar, nos próximos anos, uma obra.

Hoje, eu senti estar abandonando a ideia de escrever em inglês e ir para os USA. Mas isto pode realmente ser mudado, porque daqui a alguns anos posso conseguir a aposentadoria e achar melhor ir para lá e tentar escrever. Isto depois de ter realizado uma obra por aqui.

Mas que obra? Há os trabalhos a serem feitos no âmbito da filosofia, na continuidade dos estudos de ética. Há as obras de ficção, sejam contos, sejam

romances. Há as peças teatrais. Há muitas coisas por fazer. E hoje estou trabalhando na tradução das poesias de Rumi e de Kabir.

2 FEVEREIRO

Antes de passar aos pensamentos, entrego-me a uma inspeção, mais ou menos criteriosa, das formas como a morte está esperando. Sei que são muito variadas, especialmente neste fim de século. Mas sei que tenho driblado suas garras há bastante tempo. Ao contrário de muitos, que nem têm consciência dela, eu ouço diariamente a sua voz e muito sei dela.

Mas tenho, também, do meu lado, a palavra da vida, que sabe muito bem que tenho por inteiro um compromisso. Sabe disto você que está ao meu lado, sem querer ir embora, porque teme me abandonar. A velha história de Freud do *fort-da*, repetida à exaustão pelos que escrevem sobre a psicanálise.

Ontem, quando estava com Jorge Coelho, houve três momentos difíceis. O primeiro é recordar o vazio de minhas relações com os que estavam envolvidos com filosofia ou teoria. É que eu precisava me sentir inteiro para estar com eles. Naquela época havia o grupo que participava do Tempo Brasileiro, mas eu não sabia nada disso. Sempre só, tentando me preparar para a vida.

Lembro-me de Eginardo Pires, que lia tudo e tinha uma grande capacidade de ler, e que depois eu encontrei bem althusseriano, quando eu já me encontrava leitor de Wittgenstein. Não vi tantos efeitos de tanta leitura. Embora tudo o que fez por escrito esteja registrado e ele tenha mostrado grande capacidade teórica, havia uma espécie de dívida que tinha de pagar. Que dívida era esta, eu nunca entendi.

Mas em relação ao Jorge Coelho, houve também a referência a Gerd Bornheim, e aí apareceu alguém grande e eu fiquei pequeno. Será que não posso ser grande em relação a absolutamente nada? Vi que não falei teoricamente muito a respeito de Marcuse, mas é que não me lembro muito bem de seus livros. São ecos longínquos.

Não me lembro da terceira coisa. Mas sei que escrever desta maneira como o fiz não é exatamente o que estou pretendendo nestes dez minutos. Deveria tentar de novo.

2 FEVEREIRO (bis)

Antigos divertimentos – foi assim que você se referiu aos abraços e beijos, a este ardor todo quando nos encontramos. Senti como um soco no coração. Porque para

mim isto nunca se tornou antigo. É e será sempre muito atual, atualíssimo. Como se dizia a respeito das coisas eternas. Devo lhe dizer a verdade: nunca me esqueci de seus beijos e de seus abraços. Nunca me esqueci de como fica o seu rosto quando você está sentindo prazer ou quando fica irritada comigo. Porque sempre é assim: no começo, você me ama e daqui a pouco quer ir embora, quer terminar, porque não aguenta minha maneira de falar, meus temas, minha cara e tudo o mais.

Acho que desta vez será diferente. Penso que será, mas tenho a certeza de que mesmo depois de quase dez anos sem nos vermos, sem uma carta, sem um telefonema, você continua do mesmo jeito e não me aguentará por muito tempo. De fato, até lhe dou razão. Acabei descobrindo que a maneira como você me vê corresponde exatamente ao que eu sou. Portanto: vou ver você, como se vai a um matadouro. Serei liquidado, mais dia menos dia. Mas o que importa? Melhor vê-la por pouco tempo do que jamais.

Sei que você não tem a mesma alegria. Muitas coisas aconteceram. Seus dois filhos morreram e o seu marido, há dois anos, foi embora com uma menina. Devem ter sido golpes bem difíceis. Acho que você, pela primeira vez, entendeu o que vem a ser a tristeza. Falei tanto a este respeito, lembra-se?

De qualquer forma, mudada ou não, sei que ficarei muito contente quando estivermos juntos. Não sei por quanto tempo terei outra vez o gosto da felicidade, o gosto de ter encontrado alguém que é para mim. E, quem sabe, você terá mudado e me dirá que é para ficarmos juntos desta vez.

3 FEVEREIRO

A vida que seria possível: acumular dinheiro através de negócios, alguns mais ou mesmo na margem. Conseguir um capital inicial e a partir dele ir adiante, seguir até acumular mais um pouco e depois, com audácia e sorte, conseguir mais. Então, nos locais como Roraima, conseguir uma cadeira de deputado federal, comprado da maneira como estas coisas são compradas. Claro, antes lá chegar e fazer negócios, envolvendo-me com as pessoas de lá. Tudo isto chegou-me à cabeça quando pensei em ir para Rondônia em 1982, quando tomei *orap* e a aventura parecia possível. E, chegando por Rondônia, talvez fosse possível chegar à Câmara dos Deputados – talvez os cem mil dólares serviram para isto – e depois ir ao Rio e tentar as coisas por aqui. Mas isto poderia ser também muito difícil.

Isto faz me lembrar daquele cara baixinho do PDC que entrava no meu quarto em Santa Catarina em 1965 e me tentava com a ideia de ficar por lá, casar por lá e fazer uma carreira política. O que ele não sabia é que eu não podia, por causa do AI-1.¹

A outra coisa é que fiquei o tempo todo perdido pela ideia de ficar curado, o que nunca ocorreu. E mais tarde fiquei sempre – e isto desde sempre – querendo concluir a minha formação. Mas o que é possível eu fazer para mim hoje?

Vejo que o estudo do Kant vai dar frutos, porque tem significado uma grande concentração, o que tem sido sempre difícil e mesmo impossível. A concentração não num tema, mas numa obra. Por que esta tendência a concentrar-me em um tema? Não sei. De outra parte, a leitura de Kant vai servir-me para me pôr diante de um método, coisa de que me encontro muito afastado.

De outra parte, lembro como fico sempre ligado a esta ideia de um lugar para ir no fim de semana. O que é isto? Mas eu gostaria de ter um lugar acessível para ir hoje – sexta-feira – à noite. Para lá chegar em uma hora e meia. (Nestes dias, me surgiu a ideia de terrenos grandes em Teresópolis, nos condomínios. Que se encontram atualmente bem desvalorizados. Adquiriria e depois ali construiria algo bom).

Mas pergunto por que esta grandeza e esta bandidagem? Vidas passadas? Também me pergunto por que nunca perguntei pelos limites meus, sendo filho de imigrantes. Poderia ter ficado com o intelecto e o dinheiro.

4 FEVEREIRO

Para registrar o que estou sentindo: tenho feito, diariamente, o movimento segundo a Muladhara, mas, como outras vezes, o coração não fica alimentado. Surge em minha mente a referência ao Leonardo Boff como tendo bom coração. O que eu gostaria de ter, e não esta coisa com que acordei hoje, tão cheia de ódio, especialmente contra mim mesmo e que depois vira uma coisa dura e fechada. Para tentar abri-lo e transformá-lo, fui meditar no coração de Cristo. Mas não sei aonde irei chegar.

Esperava que a meditação no Muladhara me levasse a algum estado místico, mas não chego a lugar nenhum. Já mexi ali antes e foi a mesma coisa. De outra parte, há uma raiva contra Shiva e uma vontade de me lançar entre os pentecostais. Vejo a igreja cheia de gente com quem posso me misturar. E vi com interesse a

¹ L.C. foi incluído no Ato Institucional nº 1, em 1964, perdendo um excelente emprego de economista no governo, no Rio de Janeiro.

entrevista da filha do Guinle: a certeza da origem. Ela falou que no vazio quedava tudo da Nova Era. E eu senti o vazio do hinduísmo, o que não é verdade. Me vi aproximando-me de Cristo e afastando-me de todos estes textos. Mas por que este afastamento? Por que não estar com tudo e todos?

O que realmente é uma confusão. Pressões por todos os lados. O isolamento de gente. O fato de não estar amando. Estas fixações na casa fora do Rio. Não estar com ninguém. O coração que está assim confinado, preso.

Nem ter um bom coração e não ter também a inteligência em andamento. Mas a inteligência virá, retomará depois de algum tempo de estudo. Como atingir platôs mais elevados?

O que desejo realmente? Não tenho ideia nenhuma. Talvez um pouco de paz. Talvez um pouco de amor. Talvez o sentimento mais positivo de estar ligado. Talvez o encontro com as forças cósmicas, para curar o meu coração e me fazer retornar ao mundo dos encontros.

24 FEVEREIRO

Um dia devotado às coisas do espírito e que imperceptível se torna um domínio da morte que dança dentro de mim e faz reverter estados de espírito e expectativas.

Um dia que começou com Pablo Neruda, com o seu livro: “Confesso que vivi”. E que eu, talvez, pudesse escrever outro, chamado Confesso que não vivi. O que é também meia verdade. Mas se trata de uma prosa magnífica que um poeta poderia emular.

Poderia falar a respeito destes passeios pelo Aterro, que, certamente, possuem algo de repetitivo. Lá estão os jogos de futebol, a paisagem de Niterói, do céu e do Pão de Açúcar. E também o radiozinho de pilha. Caminho pelo aterro carregando, junto com meu corpo, as ideias, os pensamentos de sempre. E hoje, especialmente, uma tristeza que pensei que pudesse ir embora e que tenho alguma suspeita de como voltou.

Hoje mergulhei mais uma vez em Kant, em um livro de Deleuze que li cerradamente por várias horas, até me sentir mal. Durante um momento, vi que estava já conseguindo, por assim, dizer respirar com facilidade, nas alturas. Mas não foi possível prosseguir. É verdade que fiquei decepcionado, mas tenho várias vezes para ir adiante e chegar aos níveis mais elevados. De qualquer forma, já tenho uma boa ideia do Kant, embora haja muitos pontos que devem ser mais bem tratados.

Mas afinal o que pretende apresentar no livro não é o kantismo na ética, mas uma forma da ética kantiana, ou seja, suas principais teses, conceitos...

Há uma opção entre ir à cidade ao Night and Day e ir ao Mistura Fina. Mas tenho a certeza de que a figura que procuro não está na cidade. Ou melhor, as que vão à cidade não me irão interessar. Mas vou para o Mistura assim meio sem gás, porque um pouco cansado.

Prossigo, porém, com a ideia da obra e especialmente de produzir uma estrutura de pensamento que permita uma continuidade de indagação, de pesquisa. Penso no trabalho do Magno, cujo valor nem sei, mas há uma continuidade em estilo e um jogo.

Há também que reencontrar a minha chamada criatividade, estando com pouco contato com ela. Mas, afinal, estou colhendo material para ela.

31 AGOSTO

Ele chegou a confessar que mentira para o seu irmão. E quem é o seu irmão? Evidentemente, sou eu, com esta voz rouca e este corpo encurvado. E não sou tão velho assim. Foram anos e anos, desenhando na prancheta. Anos e anos curvando-me diante da vontade dos outros. E não era a primeira vez que ele mentia. Desde muito cedo mostrou essa estranha vocação. Mentia para mim, para os meus pais e para si mesmo. E no que deu esta mentira toda? Estou certo de que muitos dirão: acabou mal, talvez preso, talvez na miséria. Nada disso. Aprendeu que não deveria mentir igualmente para todos. Controlou-se e acabou fazendo carreira na justiça. Hoje, é um desembargador respeitado.

O que faz um desembargador? Deve opor-se ao embargo, imagino. Mas confesso que uma vez perguntei a ele o que fazia um desembargador: ou não queria me dizer, ou explicou de maneira a que eu não entendesse mesmo. Logo a mim, que ele tanto despreza. Porque eu era amigo e sincero. Uma pessoa verdadeiramente boa. E, apesar disto tudo, não dei em nada. Herdei do meu pai uma banca de advogado, mas nem soube cultivar clientela. Hoje, mal ganho para viver e ainda tenho tido uma tendência – felizmente apenas uma tendência – para o alcoolismo. Minha mulher me abandonou. Não por causa do álcool, mas porque não estava satisfeita comigo: na vida social e na cama.

Nada disso realmente me entristece. Sou feliz assim mesmo. Não ganho muito no meu escritório, mas tenho um outro trabalho – sou um escrivão – e isto me basta. Às

quintas vou dançar na gafieira e sei que danço bem. Tenho amigos – certamente mais sinceros que os do meu irmão. E logo, logo, conhecerei outra mulher que ficará satisfeita de viver comigo. Preciso esperar mais da vida?

Sei que sou também um pouco esquisito. Ouço vozes em minha casa, que ninguém ouve. Acordo de noite e não consigo dormir mais. Converso com imagens que saltam da parede. Não são imagens humanas e sim monstruosas. Umas só tem o nariz e cada orifício aparece como um olho furado. Há, também, os que estão cobertos de pelo e na ponta dos pelos estão os olhos. Eles falam tão baixo que apenas eu posso ouvi-los. O que dizem? Que a humanidade irá sofrer agora a grande transformação. Seremos pessoas preocupadas com o andamento do universo e não estes seres indiferentes, para quem o que ocorre no mundo, pouco lhes interessa se não tem para eles consequências.

1º SETEMBRO

Nós ficamos dançando a tarde toda e eu, em particular, estava exausto. Há muito tempo que não dançava. O meu pé doía e eu estava com o corpo inteiramente encharcado de suor. Estava, também, com muita sede, porque quase não parara para beber. Tomei um gole de coca-cola. A cerveja acabara e o pessoal tinha a alternativa entre água, cachaça e coca.

A dança começou com uma música bem simples, batucada pelo pequeno conjunto que meu irmão contratara para tocar no almoço. Meia hora depois de começarmos a dançar, a música mudou e parecia de macumba. Acho que ninguém notou e como tocassem mais intensamente, nos entregamos mais e mais à música.

Acho que fui o primeiro a virar. Virar quer dizer que fui tomado de uma alegria imensa, de uma felicidade por estar ali, dançando com todo mundo e, principalmente, por ter Rosali diante de mim, movendo freneticamente o seu corpo, seus olhos fechados e o vestido empapado de suor. Sem parar de mover-me, comecei a rir e a me sentir como se fosse um menino bem pequeno, mas plenamente consciente do que ocorria em torno de mim. Depois, vi que estava cercado de miúdos. Meus amigos e minhas amigas tinham, também, se transformado em meninos e meninas.

Foi então que percebi o que acontecera ao conjunto. Não eram mais aqueles três com suas caras de operários de obra, um negro e dois brancos. Estavam usando as mesmas roupas, mas a sua presença estava brilhando. Pareciam, os três juntos,

cercados por um halo de luz e cada um tinha o seu próprio halo. Pareciam, também, muito alegres e eu senti como se a música que faziam corria como se fosse um rio de felicidade. Resolvi parar de dançar um momento e fui na direção deles. Rosali, à minha frente, nem notou que eu havia parado por um momento.

– O que houve? – perguntei.

– Antes, não tinha nada. Agora, é que está começando a ter – disse Jorge, com um largo sorriso. Era o chefe do conjunto – um negro que, agora, tinha o aspecto de um rei mago.

2 SETEMBRO

Na saída de casa, pela manhã, os dois se encontraram. O dia estava muito nublado e tinha chovido pela manhã. Eram vizinhos há bastante tempo, mas dificilmente se falavam. É que, dois anos atrás, tiveram um namorico e ela queria continuar, esperando se tornar muito mais. Ele não quis, dizendo que não estava em um momento de amar, e sim de brincadeira. Ela sentiu tudo muito azedo e até passou quase meio ano sem cumprimentá-lo. Fingia não vê-lo e ele não fazia mesmo questão de um cumprimento. Agora era diferente.

Diferente. Tudo tinha sido diferente naquela semana. Em primeiro lugar, o seu trabalho, pela primeira vez em seis meses, rendia frutos. Conseguira o primeiro cliente para o método Herpegon de planejamento – um método criado na França e que ele desenvolvera. Isto significaria que, nos próximos quatro meses, teria muito o que fazer e que ainda haveria tempo para buscar o próximo cliente. O segundo fato era que Claudia, a quem ele amara desesperadamente, e que vivia indo e vindo nas relações, resolvera voltar para a Argentina e para o seu marido.

O terceiro fato dessa semana diferente é que voltara a pensar na vizinha. Não é que tivesse voltado a pensar. É que, pela primeira vez, pensara realmente nela. Pensara nela como mulher, como esposa e até como mãe de seus filhos.

Determinou-se a procurá-la logo. Depois de ficar com ela em sua mente por três dias, e era o tempo em que se livrava definitivamente do inferno que fora Claudia, resolveu ir ver a vizinha. Mas quando foi ao seu apartamento, ela demorou a atender, e quando veio e abriu a porta deixou ver que estava enrolada na toalha.

Ao despedir-se dele, ela lhe deu um sorriso que o encheu de esperança, embora estivesse certo que ela estava ali com outro homem. Sentiu ciúme e até uma vontade de não vê-la, mas considerou tudo uma idiotice. Na noite seguinte, iria vê-la.

Logo que saíram para ir jantar, conforme um convite dele, ela se mostrou carinhosa e tinha mesmo amor em seus olhos. Mas sem muitos rodeios, disse-lhe, antes da sobremesa, que estava grávida e pretendia ter o filho, embora o pai não tivesse importância. Quando a levou de volta para casa, foram para o apartamento dela, onde ficaram conversando por muito tempo e se beijaram carinhosamente antes da despedida.

Em casa ele sentiu um espeto entalado na garganta. Ficaria com ela? Resolveu que pensaria a respeito por uma semana e disse a si mesmo que sempre poderia voltar atrás em sua decisão. O pior – ou melhor – é que estava realmente muito apaixonado por ela.

4 SETEMBRO

O gordão aproximou-se de mim e disse que não poderia esperar mais, porque o sol estava muito quente e ele tinha pressão alta. Achei, a princípio, que ele tinha me confundido com outra pessoa. Não, não tinha confundido. Era comigo mesmo que queria falar. O que dizia era simplesmente o código secreto. Mas eu não sabia o código? Não, eu não sabia, mas reparei que podia bem ser o código que o capitão Nelson tinha concebido. Era um tipo de código em que apenas um dos lados sabia. O outro tinha de adivinhar.

Pois bem: adivinhei, e logo, logo, fomos, o gordão e eu, em direção ao metrô, porque ele me queria entregar o embrulho, numa situação em que nada fosse notado. Qual seria o melhor momento? Quando estivéssemos entrando no trem. Naquela hora, junto de muita gente, o embrulho mudaria de mãos.

Tivemos de esperar por cerca de vinte minutos ou até um pouco mais até que chegasse um trem mais cheio. Nós o tomamos na direção da Tijuca, e quando entramos, o gordão me passou o embrulho. Separamo-nos no interior do trem e na estação Estácio, saltei.

Logo que saí à rua, peguei um táxi, que me conduziu rapidamente ao Flamengo. Cheguei ao meu prédio. Saltei e paguei. No apartamento, verifiquei se não havia nenhuma persiana levantada, de modo que nada fosse visto, quando abrisse o embrulho.

O embrulho continha uma pequena coleção de roupas íntimas femininas – umas calcinhas, três sutiãs, bem coloridos, e algo que deveria ser uma anágua. Estavam

mais ou menos emboladas e, no interior do bolo, estava o mapa. Finalmente o mapa.

O mapa apenas assinalava um lugar mais ou menos amplo de uma fazenda em Teresópolis onde se encontrava enterrada a parte do automóvel que completaria a peça. Pelo que pude entender imediatamente – teria de estudar melhor o mapa – a fazenda situava-se não muito distante de meu sítio. Lá chegando, teria de procurar algum lugar onde houvesse uma espécie de ferro-velho. Não haveria outro jeito senão cavar aqui e ali até encontrar a parte do carro.

6 SETEMBRO

Foi na primeira esquina, depois de caminhar muito pouco, que ele encontrou a joia no chão. Não era um broche muito grande. Tinha o tamanho da unha de seu polegar e era de platina, com alguns brilhantes com o tamanho da cabeça de um prego médio. É claro que isto só veio a descobrir quando levou a joia a um joalheiro, que lhe disse que valia cerca de 30 mil dólares. Nada mal.

Na verdade, precisava realmente daquele dinheiro. A sua mulher estava muito doente. Vivia muito cansada, quase sempre de cama. Os médicos achavam que era um vírus, coisa muito comum nesses dias. Mas não conseguiam achar um tratamento e ela melhorava um pouco – com vitaminas ou mesmo com algum chá da flora medicinal (a catuaba, por exemplo) – mas tudo por curta duração. E não havia ninguém para cuidar das crianças. Precisavam de uma babá e de uma boa empregada. Mas o seu salário dava apenas para pagar as contas todas, inclusive a prestação do apartamento e do carro. Quando a mulher trabalhava – ela dava aulas particulares de português e matemática e fazia umas belas cerâmicas – havia um dinheiro sobrando para empregadas e mesmo para algum lazer.

Depois de ir ao joalheiro – que era um antigo colega de escola, porque de outra forma tomaria muitas precauções – ele pensou em ir correndo para casa, a fim de contar tudo para a mulher sobre o que ocorrera. Mas, a caminho de casa, foi mudando de ideia, e quando chegou falou à mulher que havia boas chances de acontecer uma coisa boa no emprego. Ela estava sentada na sala, com o rosto branco, como sempre, vendo televisão e exalando fraqueza e desânimo. Os filhos brincavam quase em silêncio. Havia se transformado muito desde o início da doença. Não corriam mais pela casa, gritando. Falavam baixo e quase sempre ficavam perto da mãe, para o que ela precisasse: um remédio, um copo d'água.

É claro que ele sabia por que não contara nada em casa. Havia Aída, a pequena garota, quinze anos mais nova, que ele conhecera no trabalho. Ela era psicóloga e eles se conheceram numa comemoração do aniversário da empresa. Todo ano ele levava a esposa, mas desta vez ela não pôde ir. Aída já lhe chamara a atenção.

Começaram uma espécie de namoro na semana seguinte. Era uma espécie de namoro porque ela, também, era casada. Não tinha filhos. Por incrível coincidência, ela, também, tinha um esposo doente. O marido, quase da idade dela – ela tinha vinte e sete anos – tivera um infarto e estava em longa convalescença. Tinha, também, pressão alta e levaria sempre uma vida difícil. Ela sentia muito que em tão pouco tempo a vida interessante e ativa que tinham havia terminado.

A ideia que o tomou no caminho da joalheria para casa era desaparecer junto com Aída, deixando os respectivos cônjuges para trás. Sabia que isto era calhorda, mas sentia que não poderiam ser condenados a ficar cuidando deles.

No dia seguinte, contou a Aída sobre o que tinha acontecido e sobre os seus planos. Ela ficou horrorizada. Estavam no apartamento de um amigo dele, que o alugava a ele. Ela começou a gritar com ele dizendo que era um canalha e que não queria vê-lo mais. Voltaram juntos para o trabalho. Ele não tinha ficado abalado. Sentia que Aída mudaria de ideia. No fim da tarde, ela lhe telefonou e disse que não conseguia pensar em outra coisa.

Encontraram-se e começaram logo a planejar o que fariam. Ele tinha a joia consigo e lhe mostrou. Ela lhe disse que tomasse cuidado.

O conselho foi realmente muito bom. A caminho de casa, sentiu que alguém o olhava no ônibus. Não deu muita atenção. Quando estava perto da mesma esquina em que achara a joia, um homem muito magro aproximou-se dele e começou a perguntar-lhe por um colégio no bairro. Quando estava despreocupadamente dando explicações, o homem tirou um revólver e encostou-o no peito, pedindo para passar tudo.

Parece que o homem sabia de alguma coisa, porque não ficou satisfeito com a carteira. Disse-lhe que se o revistasse e encontrasse alguma coisa, daria um tiro. Acabou entregando a joia.

Quando chegou em casa, a mulher tinha tido uma crise e estava deitada. Sentiu um pouco de alívio quando chegou sem a joia.

No dia seguinte, contou a Aída. Ela não quis acreditar. Disse que ele era um salafração e que não pretendia vê-lo mais.

7 SETEMBRO

Ontem, estivemos juntos mais uma vez. Dentro de dois dias, Carlos Afonso irá viajar para a Índia, onde pretende ficar por dois anos. Conhecendo-o bem, ou melhor, bastante bem, mas sei que nunca nos conhecemos o suficiente, fiquei muito surpreso quando ele me anunciou a sua partida. Mais do que uma partida, ele ia ficar pelo menos dois anos, iniciando uma busca que ninguém pode realmente saber onde terminará. Irá inicialmente para um monastério perto de Bombaim, onde estão há muito tempo – quase dez anos – dois amigos, ou melhor, dois ex-colegas de colégio. Não se viam havia muito tempo, mas puderam rever-se no último verão, quando um deles veio ver os pais e o outro acompanhou-o na viagem. Eu os vi, por duas vezes. Não pareciam monges religiosos. Davam-me mais a impressão de serem eternos adolescentes, sempre escapando das responsabilidades da vida. Nem pareciam muito espiritualizados. Fumavam muito, comiam excessivamente e pareciam apenas conter-se em um aspecto: não se interessavam por mulheres. Perguntei-me se era por uma razão espiritual e cheguei à hipótese de que mulheres significam compromisso e eles não estavam interessados nisso.

Carlos Afonso deixa um emprego bom na televisão – onde é produtor de dois programas. Diz que poderá voltar quando quiser, mas eu sei que não será assim tão fácil. Deixa, também, uma antiga namorada que já abandonou há algum tempo qualquer esperança de casar. E deixa, principalmente, um interesse por questões ecológicas, que o fizeram envolver-se bem fundo com o movimento, frequentar reuniões e ser um dos principais do grupo que acompanha o trabalho de despoluição da baía da Guanabara.

Perguntei a Carlos Afonso se ele estava em busca de Deus, e ele respondeu meio evasivamente. Indaguei o que ele esperava encontrar e ele disse que se tornara um buscador.

Havia algo de belo em sua decisão, como se fosse alguém lançando-se no mar com uma boa embarcação, mas sem um destino completamente definido. Tentei outras vezes conversar com Carlos Afonso, querendo saber mais. Contou-me que ficaria o tempo necessário no monastério próximo a Bombaim e, a partir de informações e dicas que obtivesse, iria percorrer a Índia. Tudo muito interessante, mas, também, muito vago. Desisti de saber mais e torci para que tudo desse certo.

Duas semanas antes de Carlos Afonso partir, sua sobrinha, Miriam, uma jovem de vinte anos com quem ele estava com frequência, prometendo sempre um trabalho na televisão que nunca saía, anunciou que ia ser mãe. Não quis, de maneira nenhuma, dizer quem era o pai, apesar das pressões formidáveis. Não sei por quê, tive a impressão de que aquilo era coisa de Carlos Afonso. Estranhamente, ele resolveu antecipar, em uma semana, a sua partida, e Miriam, que todos esperavam no aeroporto, não apareceu.

Dois dias depois da partida, soube que a Miriam tinha feito uma bobagem: tomara duas caixas de Lexotan, mas foi logo posta fora de perigo.

8 SETEMBRO

Oportunidade por oportunidade, aquela era de primeira. Não deixaria escapar, como outras vezes em que fora convidado a ir à festa de grã-finos. Desta vez, aprumaria os seus pensamentos, engoliria seus preconceitos e suas prevenções e iria à festa. Afinal, tinha de mudar de time e mesmo se não tinha os grã-finos em alta conta – achava-os chatos e cheios de si – também não mais se sentia bem com aquela turma de esquerdinhas meio ricos com quem convivia há mais de dez anos. Queria andar com gente que não cuspsse no próprio prato.

Era curioso que na mesma semana em que Irineu lhe trouxe o convite, sua antiga namorada – de mais de dez anos atrás –, a Genô, também o procurara. E ela fora sem dúvida a mulher mais rica que ele conhecera. E Irineu vinha prometendo que iria colocá-lo em contato com uma turma diferente de mulheres.

Logo o Irineu, um pobretão que sempre fora deslumbrado com os grã-finos. Era mesmo um tipo. E ele gostava do Irineu e também tinha pena dele. Irineu se doutorara em filosofia, era um grande conhecedor de Popper e de Quine, mas não conseguia progredir muito na vida. Era professor da Universidade Federal, morava em um apartamento que o pai lhe dera. Não conseguira casar-se e nem qualquer posição mais destacada no departamento. Ao lado de tudo isso, um deslumbramento com os ricos que sempre o convidavam. E não pela sua filosofia, que achavam chata, e ele sempre se calava a respeito. Era porque sentiam o deslumbramento e achavam graça em vê-lo extasiado com seu guarda-roupa, seus contatos no *jet set* e suas viagens.

Foi ter com Genô e viu que ela se tornara mais rica ainda. A princípio, sentiu até algo estranho: como se não a reconhecesse mais, porque ela só andava com a

crème de la crème: os mais ricos e os mais famosos do mundo inteiro. E na conversa era só referência a gente importante: ricos, políticos conhecidos mundialmente, escritores de primeiro time. A princípio, ele se sentiu insignificante e ficou com raiva. Chegou a achar que não tinha nada a ver isto de estar com ela. Mas em pouco tempo voltou a velha Genô, irônica, irreverente e que mostrou a verdadeira cara deste pessoal todo.

Por um longo momento pensou que seria uma boa ideia retomar com ela. Chegou a segurar-lhe a mão, que ela retirou com um gesto que parecia espontâneo. Depois, ela lhe contou que tinha um noivo: um milionário espanhol que pretendia mudar-se para o Brasil.

Quando ele saiu, depois de terem ficado conversando por mais de duas horas, ela lhe disse que precisavam se ver toda semana ou mesmo mais e que nunca mais queria ficar separada dele.

Saiu da casa de Genô, um palácio localizado no outeiro da Glória, e pegou o seu carro, rumando para o Rio Sul. Ia a um banho de loja, para a recepção dos grã-finos, dentro de dois dias. Achava que desta vez aguentaria o pessoal e iria até ter prazer de estar com eles.

9 SETEMBRO

A relação entre os dois era amigável, mas foi ficando cada vez mais tensa. O presidiário ia se tornando cada vez mais famoso, com o livro que escrevera. Era o seu segundo livro. O primeiro, sobre o seu encontro com a religião, só teve mesmo a atenção dos membros de sua seita, que até custearam a publicação. Mas o segundo, uma autobiografia em que conta com detalhes todos os seus crimes, tornou-se em poucas semanas um *best-seller*. É que, por um destes acasos, três de suas vítimas tornaram-se importantes personalidades. Como as outras três já eram bem conhecidas, ele se tornou o ladrão de vips. E como tinha um gosto realmente apurado para roupa, comida e música, foi chamado de “ladrão vip e de vips” e aí começaram a aparecer, diariamente, na cadeia, desejando entrevistas, enquanto as vendas dos livros subiam mais e mais.

A mulher que havia sumido havia dois anos resolveu reaparecer e, desculpando-se, propôs que voltassem ao casamento. Os dois irmãos que o viam de tempos em tempos voltaram também a aparecer, desta vez trazendo comida, livros e propondo uma sociedade quando ele saísse da cadeia.

Só duas pessoas estavam incomodadas com a situação. A primeira era ele mesmo. A segunda, o seu carcereiro.

Ele temia que não conseguisse sair vivo da penitenciária. Tinha feito amplos planos para quando saísse. Queria virar um escritor, mas que só escrevesse histórias de gente muito importante. Achava que se se metesse neste mundo, acabaria sendo muito bem aceito e dali a pouco toda a sua vida mudaria.

Mas temia ser morto, fosse pela inveja dos outros presos, fosse por pura maldade. Tinha dificuldade de comer, porque temia o envenenamento. Na sua cela de oito presos, sempre que aparecia alguém novo, achava que poderia ser o seu assassino. Tinha, também, dificuldade de dormir.

O carcereiro, que sempre o tratava bem, começou a ser cada vez mais agressivo. Não entendia por quê. Parara de lhe dar recados e permitir que desse uma volta pelo presídio, de modo a que comesse uma comida melhor, em separado dos outros presos.

11 SETEMBRO

O líder dos elefantes chama-se Mantique, este nome foi dado por seu pai e é na verdade um apelido. Seu verdadeiro nome é Emanu. Nem todos os elefantes vermelhos têm nome, apenas os mais importantes e, sem dúvida, os líderes. Mantique tem 50 anos e é líder do grupo há cerca de dez. O líder anterior era Harpague, que era o seu tio. Há qualquer coisa de dinástico nas lideranças, mas não seguem necessariamente a linhagem de pai para filho. É quase sempre alguém da família que consegue um apoio e a admiração dos elefantes. Se não houver ninguém na família com essas características, outro será escolhido.

O líder dos elefantes tem como responsabilidade principal proteger o grupo, escolhendo os caminhos e providenciando lugares onde possam arrumar água e alimentação. Entre os elefantes vermelhos, há dois conselhos. Um deles é masculino e outro feminino. O conselho masculino discute, acatando, em geral, as diretrizes do líder. O conselho feminino é quem escolhe os pares para acasalamento e resolve os problemas do casal e dos filhos. É interessante que os machos não se dedicam a estas questões. Ficam com a responsabilidade dos caminhos, da comida e da preparação para enfrentar os perigos.

Esse grupo de elefantes vermelhos é o único que conheci. Sempre me pareceu harmonioso. Nunca vi grandes desentendimentos entre eles, e o máximo que uma

vez percebi foi um certo mau humor entre os seus membros, mas que não chegavam a brigar ou a se insultar (o insulto mais forte deles é “carcaça congelada”. Por que? Não sei).

Os machos se reúnem diariamente para conversar e parte da conversa é uma espécie de especulação metafísica. Uma das grandes questões que sempre retornam é: como seria o mundo se fosse habitado, principalmente, por elefantes? Sabem que são uma minoria e que mesmo entre os elefantes são uma minoria. Outro motivo de preocupação são os seres humanos, que são invejados e temidos.

Pretendi esconder, e o fiz até agora: este texto é o resultado do ditado de um elefante vermelho – Tony é o meu nome – para Luciano. Por alguns dias seguidos, vou relatar como tem sido, foi e será, espero, a nossa vida. Acho que devem ser disseminadas ideias sobre o nosso grupo para registro importante.

Além disso, tenho pretensões a liderança. Acho que falta a Mantique uma capacidade de perceber e de persuadir, que é essencial para a sobrevivência do grupo. Tenho tais características.

13 SETEMBRO

O passado dos elefantes vermelhos.

Havia, por certo, um canalha entre os elefantes vermelhos. E ele era descendente de um dos mais importantes chefes ou líderes. O nome do canalha era Tristão. O seu hábito era tentar seduzir as mulheres dos companheiros e falar mal do líder, buscando desacreditá-lo. Interessante que ele é considerado canalha, segundo os nossos padrões, não elefantinos. Porque, para o grupo, tratava-se de um tipo estranho, que poderia ser objeto de críticas. Talvez, se tivessem o conceito de louco, chamá-lo-iam de louco. Mas não tinham tal conceito, nem o de mau caráter. Era só estranho.

O mais difícil de acreditar é que não havia qualquer regra que impedisse uma das elefoas de ter relações sexuais ou mesmo casos com alguém fora do par. Não era proibido nem mal visto. Simplesmente não era comum e mesmo com todo o seu esforço, Tristão, que havia tempos vinha tentando – para ser rigoroso, havia cerca de 35 anos – só conseguiu o seu intento uma vez. E foi exatamente com quem? Com sua irmã Malda, que vivia às turras com seu par, porque não conseguia ter mais do que os cinco filhotes. Tristão e Malda andaram muito tempo juntos e até mesmo, em algumas noites, ela abandonou o seu par e ficou com Tristão.

Entretanto, isto não durou muito tempo, porque havia em Tristão alguma coisa que, depois de algum tempo, deixava de agradar. Era uma insatisfação que o tornava interessado em outras elefoas. E ele, então, mostrava-se pouco gentil para com Malda, e algumas vezes até agressivo. A agressividade devia-se ao seu ciúme pelo líder do grupo, Mantique, cuja posição ambicionava. Mas no íntimo sabia que nunca seria capaz de ocupar aquela posição.

Havia uma sabedoria no grupo de elefantes, ao não dar muita importância ao que ocorria com Tristão. Passado algum tempo, ele voltaria às boas, participando dos conselhos do grupo, desinteressando-se, também, das elefantas que já possuíam par. O conselho das mulheres tentava, então, juntá-lo com uma jovem elefanta, mas ele nunca se interessava.

Tristão tinha um filho que já era atualmente um elefante adulto, com vários filhos. Os dois quase sempre eram vistos juntos, conversando, e até mesmo gostavam de sair pelo mato para explorar novas trilhas. O nome do filho era Merc e era muito inteligente, talvez o mais inteligente do grupo.

Merc gostava muito do jogo maldiz, que fora inventado nos primórdios dos elefantes vermelhos. Era um jogo de memória, em que cada um tinha de recordar-se, com mais detalhes, dos fatos mais antigos do grupo.

13 SETEMBRO

O futuro dos elefantes vermelhos.

Não há no futuro o que assuste muito os elefantes vermelhos. Sabem que estão destinados à extinção ou a algum tipo de domesticação pelos seres humanos. Talvez seja por isto que me tenham tomado como escriba e me ditem estas linhas. Não sabem, evidentemente, ler e não têm muita ideia do que seja a escritura. E para mim é um fato incompreensível como possam ter atingido tal sutileza de pensamento sem qualquer escritura. Acho que é a sua memória realmente formidável que tudo permite.

Eles distinguem o dia da noite, mas não têm uma noção do tempo muito clara. Perceberam em algum tempo, não lembrado, que a partir de um certo momento as presas começam a amarelar. O período anterior a isto é chamado de calat, e imagino que valha cerca de dez anos. Perceberam, também, que as fêmeas passam por certos ciclos mensais – acho que menstruam, mas não tenho muita certeza – e aí contam alguma coisa como um mês. Perguntei a (...) se ele notava os ciclos da

lua, mas custou a entender-me. Para eles a luz é o sol cercado pelas trevas, e a noite é uma vitória parcial destas.

Pareceu-me evidente que os elefantes se apresentam como o lado da luz e que vejam os humanos como sendo representantes das trevas. Mas não fazem, por assim dizer, uma separação moral: as trevas têm um lado destrutivo, porque fazem desaparecer as coisas, mas a elas, também, está ligado o sono e a própria morte. E os elefantes não veem o sono e a morte obrigatoriamente como coisas negativas.

Desta maneira, acho que entendi que não possuem uma ideia do mal. Quando lhes fiz esta pergunta, também não obtive resposta. Citei as trevas, e o que puderam me dizer é que as trevas não eram, necessariamente, abomináveis. E nem, portanto, os seres humanos. Nós somos diferentes e estas diferenças não lhes agradavam. Talvez sintam que, embora tenhamos em comum a inteligência, os seres humanos desenvolveram-na de um modo que os elefantes nunca conseguiram.

Estou escrevendo as últimas linhas acerca dos elefantes porque eles irão embora nesta tarde. O meu pensamento constante tem sido sobre a inteligência, que pode se desenvolver tanto sem os meios de que dispomos. Não possuem escrita nem uma fala tão completamente articulada. Ou pelo menos não pude percebê-la assim. Também não possuem instrumentos ou artefatos que sempre aos humanos parecem ligados ao nosso desenvolvimento cognitivo. Fiquei, também, pensando sobre as nossas mãos, com os seus dedos e sua versatilidade. Se os elefantes tivessem mãos e não tivessem trombas, o seu destino teria sido diferente.

15 SETEMBRO

Manifestava-se assim, de modo arrogante, com arroubos e uma forma desconfiada de olhar. Manifestava-se, de vez em quando, mas para isto precisávamos bater na mesa, mover o corpo de todas as maneiras até que o seu espírito aparecesse. Seu nome era Gerônimo, com o mesmo, como fez questão de escrever. Porque no começo escrevia, fazendo girar o copo com velocidade. Depois, as coisas mudaram e Gerônimo se manifestava através de um de nós. Éramos quatro: eu, minha prima Luiza, meu irmão Jantuil e um amigo, Hector. No início, os encontros eram uma vez por quinzena. Depois se tornaram semanais e agora nos vemos, quase sempre, dia sim, dia não.

Sim, tornamo-nos de Gerônimo. Este “de” é sinal de posse. Somos possuídos por Gerônimo. Somos mensageiros de Gerônimo. Ele fala por nós. Ao que parece está,

também, vivendo a nossa vida. Porque as vidas de todos nós modificaram-se estranhamente. Eu, por exemplo, parei de trabalhar no banco de meu tio. Pedi licença e o que eu faço o tempo todo é transcrever em fitas as palavras de Gerônimo. Minha prima Luiza quase se separou do marido dela, que vivia ridicularizando tudo isso. Mas uma vez ele veio assistir e ficou muito espantado. Disse que, daqui a algum tempo, pois precisaria tomar coragem, entraria no grupo. Meu irmão Jantuil passa a maior parte do seu tempo livre – e não é muito, porque ele é médico e tem três empregos – ele passa a maior parte de seu tempo livre pregando as palavras de Gerônimo. Como se pode ver, pertencemos a Gerônimo. E quem é Gerônimo?

Não é possível explicar brevemente. Precisarei de algum tempo. Em primeiro lugar, Gerônimo é a quinta encarnação de Bramílio, este, sim, a figura original que nasceu na Indonésia. Mas Bramílio é, também, uma encarnação de Buda – a de numero 253. Portanto, Gerônimo não deixa de ser Buda. Mas não é Buda: é Gerônimo, um ser de luz, que está nos utilizando para trazer à terra a sua mensagem. Mas, perguntará o leitor: não terá Gerônimo trazido à terra a sua mensagem quando por aqui andou? Pode parecer uma boa pergunta, mas não é. Gerônimo viveu na terra apenas cinco meses e morreu afogado, de modo que o que aprendeu e nos está transmitindo foi o que aprendeu nos outros mundos.

A principal doutrina de Gerônimo é que o suicídio é uma das melhores formas de encontrar a iluminação. Mas não pode ser qualquer suicídio. O suicídio por desespero, por fuga à vida, evidentemente, de nada serve, pois entrega o sujeito à escuridão, de que terá a maior das dificuldades de desvencilhar-se. O suicídio que tem um valor espiritual é aquele que é realizado como culminação da vida, após anos e anos de preparação. Conforme a esta ideia, tivemos a ideia de chamar a nossa seita de “os suicidas”. Entretanto, tivemos de abandoná-la porque a ideia de suicídio encontrava-se muito envolvida com o suicídio desesperado.

A segunda ideia básica de Gerônimo é de que devemos ter relações sexuais com animais. Sei que existe uma perversão desse tipo e que isto repugnaria a muitos que achariam ou que Gerônimo é um espírito inteiramente obscuro, ou que estamos nós completamente dementes. A sexualidade a que se refere Gerônimo não é genital, não envolve penetrações ou coisas semelhantes. As relações significam que os homens de nosso grupo devem manter uma relação sexualizada, sim, mas não

genitalizada com animais fêmeas e as mulheres (no caso temos, apenas, a minha prima Luiza) com os machos.

Esta ideia de Gerônimo tem, sem dúvida alguma, o maior fundamento. Seria através desta relação que conseguiríamos nos libertar da escravidão que é a sexualidade, e ela perderá o peso e a significação que têm para nós. Já experimentamos e a sugestão funcionou às mil maravilhas. Sugiro ao leitor que experimente também.

16 SETEMBRO

Gerônimo é um mestre é um condutor e é, também, a palavra que repetimos o dia inteiro. Sabemos que está sempre à nossa volta, mas para chamá-lo precisamos nos concentrar em grupo, e aí ouvimos a sua voz: que, às vezes, parece-se com a minha e outras vezes é a voz feminina de Luiza.

Luiza, a minha prima querida, que sempre esteve comigo nos momentos preciosos, como estou satisfeito de tê-la ao nosso lado, com toda a sua fé. Luiza, e isto é uma pena, não é uma mulher bonita. Na verdade, nunca foi bonita. Desde criança é gorda, tem um rosto muito desigual: um nariz grande, lábios finos demais e olhos esbugalhados. Principalmente quando dá para engordar, fica quase monstruosa. Mas, o que importa tudo isto, agora que ela é por Gerônimo? E desde que começou a ser de Gerônimo, como todos nós, a sua eloquência apareceu e sua confiança multiplicou-se.

E suave e rapidamente suas frustrações se foram. Luiza nunca conseguira entrar na universidade, casar-se, ter filhos. O máximo que obtinha sempre eram trabalhinhos como substituir uma secretária, trabalhar de caixa em uma papelaria ou uma padaria. Qualquer um diria que ela era um fracasso. Até que chegou Gê – é assim que começamos a chamá-lo entre nós (mas nunca quando o invocamos).

Acredite quem quiser, mas Luiza arrumou um namorado. É um vizinho que mora na rua transversal à minha e que trabalha como contador da papelaria onde Luiza vem funcionando como caixa. É um cara bem simpático e parece interessado em Gerônimo. Mas concordamos, Luiza e eu, que não o deixaremos entrar no grupo até que a relação entre ela e Ornelo – é o nome dele, cujos pais são ítalo-paulistas – esteja sólida.

Agora, nos preparamos para o que Gerônimo anunciou como a primeira grande fase do caminho. Ele disse que ensinará algumas orações que mudarão a nossa

vida. Primeiro aprenderemos as orações e depois sairemos pelo mundo para ensiná-las.

Confesso que me sinto, às vezes, meio esquisito com tudo isto. É que ter a vida dirigida por um espírito faz-me pensar que pode ser apenas uma brincadeira astral. Eu já ouvi falar nisso. Depois, tenho a impressão de que esta religião do Gerônimo é uma mistura de práticas de diversos grupos religiosos. Não conversei sobre isto com os meus amigos, mas pretendo fazê-lo logo.

17 SETEMBRO

Hoje, tive um sonho com Gerônimo. Evidentemente, ele não tem a aparência do bebê de cinco meses que foi a sua última encarnação. Uma vez perguntamos por sua aparência e ele disse que era o mais vazio dos vazios. Mas um vazio com voz? – indaguei. Ele respondeu-me que a maior energia se encontrava na própria falta e que nós deveríamos adorar as faltas e abominar as plenitudes. Porque as verdadeiras plenitudes só podem ser encontradas nas faltas. Onde tudo falta, nada falta.

Aos poucos vou revelando as ideias de Gerônimo. Acho que deveria fazer isto mais sistematicamente. Não me sinto capaz disto agora. Em futuro próximo, talvez.

No sonho, Gerônimo aparece como um grande vendaval que toma conta da cidade. Mas os seus efeitos não são muito destrutivos. Destrói os jardins e as plantas das varandas. Mas duraram dois dias inteiros e os carros tinham dificuldade de se movimentarem. Os ônibus trafegavam inicialmente com dificuldade e, depois, foram suspensos por temor que sobre eles caíssem árvores ou partes dos prédios.

Soube que Gerônimo era o vendaval porque o prefeito, no segundo dia, apareceu com marcas em todo o corpo. O que estava marcado era a letra G. E havia uma explicação para isto. O prefeito, que todos tinham em alta conta antes da eleição, começou a mostrar-se um grande crápula logo nos primeiros dias de seu mandato. Tentava de todas as maneiras impor novos tributos aos cidadãos, pretendia derrubar antigos e queridos prédios para construir abomináveis arranha-céus, em cujos ganhos, dizia-se, teria uma participação. E o pior era que resolvera, também, perseguir as funcionárias grávidas, de quem exigia que se demitissem. Também aí se mostrava um lado abominável do prefeito, porque pretendia colocar, no lugar delas, os seus protegidos políticos.

O povo protestava, mas como a câmara dos vereadores era manobrada pelo prefeito, nada poderia ser feito. Eu me encontrava entre os que mais protestavam, embora nunca me tivesse ocorrido que Gerônimo poderia vir em nosso socorro. E o socorro veio, numa antevéspera de Natal. Começou com uma brisa que vinha do mar. Aos poucos a brisa foi engrossando até virar o vendaval, que começou a assolar a cidade. Os meteorologistas não sabiam explicar as suas causas.

Foi apenas no segundo dia que eu descobri que o vendaval era Gerônimo. Olhando na direção do vento, que dobrava as árvores na rua principal, percebi que no seu interior havia um ponto de silêncio e paz. Aquilo me chamou a atenção. Naquela tarde, quando com dificuldade nos reunimos para a comunicação com Gê, ele revelou que era o vendaval.

18 SETEMBRO

Quando você está às voltas com alguém como Gerônimo, não sabe mais qual a diferença entre o que ocorre nos sonhos e o que ocorre na chamada realidade. Você percebe que os sonhos enviam mensagens – isto é mais ou menos reconhecido – e que a realidade, também, faz a mesma coisa.

No dia seguinte ao sonho do vendaval, eu tive de chegar atrasado ao meu emprego, porque antes fui ao banco para tratar de um cheque meu que fora devolvido por problema com a assinatura. Quando me ligaram do banco chamando-me, estranhei. Diante do cheque, percebi realmente que minha assinatura estava mudada e eu não sabia como explicar isto. Meu nome é Carlos Antonino Gerceto e eu havia assinado Carlos Antonino Gerônimo. Até aí, tudo bem, porque eu ando com o nome de Gerônimo o tempo todo em minha cabeça. Mas tinha eu, também, mudado a maneira de escrever. Não reconheci minhas letras.

Passei o dia inteiro um pouco preocupado com tudo isto. Havia algo que não me agradava nessa história, porque seria como se estivessem mexendo em níveis muito profundos de meu ser. O curioso é que lá pelo fim da tarde, Luiza me ligou e disse que estava sentindo algo muito estranho: quando estava se pintando diante do espelho notou que tinha ficado estrábica. Dei pouca importância a este fato, mas à noite fui jantar com Jantuil e ele, quando estávamos diante dos nossos pratos – e ele comia um bife sangrento, absolutamente mal-passado – disse-me que estava sentindo uma compulsão para comer carnes cruas e sangrentas.

Resolvi, no dia seguinte à noite, quando nos reunimos para ter com Gerônimo, conversar sobre isto. A primeira reação foi de não ligar, de dizer que eu estava vendo coisas. Eu lhes disse que trouxéssemos o caso para Gerônimo.

Começamos a sessão como sempre, muito atentos e muito respeitosos. Quando resolvi perguntar ao Gerônimo o que queriam dizer estas coisas todas, ele mudou completamente. Começou a dizer palavrões, a ofender a todos nós.

“Vocês são uns cachorros cagados, uns cavalos cagados. Porca miséria, seus animais. Vão todos para as profundas. Não me merecem, seus carregadores de merda. Vão todos para o diabo, seus míseros cagalhões humanos. Nunca mais voltarei a vê-los”.

O ódio que Gerônimo manifestou foi quase sem limites. Quem estava canalizado era Luiza, que ficou inteiramente apoplética, começou a rodopiar e a rasgar a sua roupa. Estávamos em minha casa e ela acabou agarrando-se a uma cortina e a rasgou.

Com muito custo, interrompemos a sessão. Mal conversamos. Cada um foi para a sua casa, meio humilhado e muito esgotado. Combinamos nos encontrar no dia seguinte para pensarmos sobre tudo.

Na noite seguinte, nos reunimos na casa de Luiza. Logo que cheguei, um pouco antes dos outros, ela disse que iria consertar a cortina de minha sala, que se rasgara toda. Eu disse que aceitava, contanto que pagasse o conserto. Ela só teria de conseguir alguém que fizesse o serviço. Nesta conversa, senti que Luiza estava amedrontada. Na verdade, quando chegaram os outros e começamos a conversa, vi que todos nós estávamos muito assustados. E o pior é que não sabíamos o que fazer.

Eu próprio estava muito preocupado, pois temia as duas coisas: se continuássemos e se interrompêssemos. E não sabíamos a quem procurar. Sugerí que fizéssemos uma outra sessão.

Foi quase a mesma coisa. Os mesmos xingamentos. Desta feita, foi Jantuil que canalizou e ele parecia um pouco mais controlado que Luiza. Isto no começo, porque, mais adiante, quando parecia que os insultos tinham se esgotado, Jantuil tirou a roupa e começou a se masturbar diante de nós. Quando ele chegou ao orgasmo, sentou-se, relaxou e parece que Gerônimo tinha-se ido.

20 SETEMBRO

No dia seguinte, fizemos uma nova invocação, muito amedrontados. Jantuil envergonhadíssimo, mas todos sabíamos que não tinha culpa.

Logo no principio da sessão, veio a explicação. Tinha havido uma interferência devido ao fato de que dois de nós tinham tomado álcool e desta forma atraído um espírito baixo. Mas como Gerônimo deixou que isto acontecesse? A explicação era simples: não dependia dele; nós só podíamos sintonizar com aquele mesmo espírito ou com algo ainda pior.

A sessão transcorreu muito bem. Desta vez fui eu quem canalizou e o Gerônimo explicou um pouco mais a respeito da vida depois da morte. Era tudo tão interessante que até dava vontade de morrer. Luiza perguntou se era legítimo querer morrer.

A resposta de Gerônimo foi de que não era nem legítimo nem ilegítimo, mas que, conforme a vida que se levava seria a existência depois da morte. Então, perguntou Jantuil: e no seu caso, Gerônimo, você só viveu cinco meses. Mas, neste caso, trata-se de uma reencarnação especial e de curta duração.

Não conseguimos saber mais e permaneceu uma dúvida: quando era um caso de reencarnação especial e quando era uma situação que demandava que nos desenvolvêssemos nesta vida?

A partir desse dia, parece que nossas relações com Gerônimo começaram a diluir-se. As suas respostas e a sua doutrina mostravam-se insatisfatórias. Eu tentei animar o grupo, mas a principio nos reuníamos por obrigação e depois começaram as ausências. Eu sempre estive presente, mas os outros estavam crescentemente desinteressados.

Um dia resolvi buscar uma decisão. Ou continuávamos com toda a seriedade ou interrompíamos. A reação não foi animadora. Queriam “dar um tempo”. Aceitei.

Passaram-se alguns dias e aí Gerônimo voltou. Retornou, através dos sonhos. Todos os dias, eu vivia uma situação diferente, em que sempre havia um ensinamento. Gerônimo aparecia com formas humanas, animais, divinas e minerais. Sempre, em um primeiro momento, eu não percebia que estava numa relação com ele, mas, ao final, quando ocorria o desenlace, sua verdadeira identidade se apresentava.

Depois de uma longa série de sonhos, finalmente Gerônimo me colocou a questão, com a qual convivo até hoje. Desejava ele que eu assumisse sua plena identidade, que mudasse meus modos e o meu nome. Em troca, eu teria uma vida

de esplendores místicos e uma realização tão plena que eu nem tinha condições de imaginar.

Fiquei de dar-lhe uma resposta em poucos dias e os sonhos desapareceram. Passaram-se vários dias e eu não consegui encontrar dentro de mim a resposta. Fui adiando, adiando até que a proposta de Gerônimo tornou-se uma coisa meio apagada. Finalmente, Gerônimo desapareceu de minha vida.

21 SETEMBRO

Havia os incautos, e ela se servia deles de uma forma que poderia ser considerada magistral, a não ser pelos próprios incautos, que fascinados pela sua beleza entregavam-se ao primeiro gesto sedutor. O pior de tudo é que eu sentia uma atração amorosa irresistível por ela, e ao mesmo tempo sabia com quem estava lidando.

Ela foi minha aluna, na cadeira de processo criminal, e ao final do semestre eu não consegui dizer não quando ela me pediu para abonar as faltas e depois, entregando um trabalhinho completamente idiota, conseguiu que eu lhe desse A. Durante o semestre, isto é, nos poucos dias em que veio à aula, sentava-se provocante na primeira fila e uma vez vi que descruzava as pernas e simplesmente não estava de calcinha. Na mesma época estava passando nos cinemas o filme da Sharon Stone – *Instinto selvagem* – em que a atriz faz o mesmo para um grupo de policiais. Só que, no meu caso, não foi apenas um descruzar. Ela ficou com as pernas abertas, mostrando-me o seu sexo, por quase cinco minutos. Eu fiquei envergonhado perante a sala – havia mais de 40 alunos – e eu interrompia o que falava para olhar, para simplesmente mirar. E logo eu que já tinha visto tantas mulheres nuas, de pernas abertas diante de mim, muitas delas mais bonitas que a Anancy.

E no meio do pedido das férias escolares, ela ligou para o meu escritório e disse que gostaria de falar comigo. Tremi um pouco ao ver aquela mulher no escritório. Pensei nos meus sócios, que ririam de mim e até me invejariam. Pensei na secretaria, que já uma vez fora indiscreta com minha mulher.

Anancy apareceu na hora combinada – 3:30 – e fomos para a minha sala. Ela disse que viera apenas para ver-me e contou-me que estava procurando: um estágio, e se eu sabia de algum. Mas, no meio da conversa, vi que eu não aguentava mais. Peguei a sua mão e disse que deveríamos nos encontrar mais

tarde. Ela interrompeu a minha frase, sapecando-me um beijo na boca e começou a esfregar-se em mim. Fui até a porta, tranquei-a. E tivemos relações em cima do sofá de couro, coisa que eu não fazia ali há cerca de vinte anos. Porque quando iniciei no escritório – que àquela época pertencia ao meu pai – costumava vez ou outra trazer uma amiguinha.

Anancy estava sem calcinha. Depois de terminarmos, tirou de sua grade bolsa uma caixa de papel Yes e limpou-nos.

Foi para mim intenso e delicioso, mas o fiz com algum medo de que ouvissem alguma coisa ou que fizéssemos algum barulho. Ela pareceu, também, deliciar-se. Quando terminamos, ela parecia ao mesmo tempo satisfeita e insatisfeita. Ela ficou alguns minutos a mais e depois saiu, fazendo questão de que não a levasse à porta ou ao elevador.

Não, eu disse para mim mesmo, ela não veio pagar-me pelo que fiz por ela no semestre, nem obter o estágio. Ela o fez porque ela é assim mesmo e porque gosta disso. Fiquei então um pouco mais tranquilo, mas sentia que não poderia passar muito tempo sem Anancy.

21 SETEMBRO

Tornamo-nos amantes. Exatamente: no sentido estrito da palavra. Apenas sexo e encontros voltados para o sexo. Nada menos, nada mais. Eu estava quase sempre disponível, apesar de casado. Tinha o dia inteiro à minha disposição, mesmo em algumas noites que eu havia conquistado para mim havia bastante tempo. Mas Anancy não era assim tão disponível. Tinha sempre coisas a fazer, lugares a ir, sobre os quais não desejava falar.

Nas primeiras semanas, vimo-nos quase todos os dias. Só uma vez foi no próprio escritório. E devo confessar que eu gostava muito de fazer ali, em silêncio, envolto de um certo temor. E gostava, logo depois de concluir e quando ela já tinha saído, de voltar-me para os processos. Ter este prazer no lugar do trabalho dava-me uma intensa energia. E eu sentia a intensa energia também nos outros dias. Tornei-me mais eficiente e mais agudo. E, mesmo em casa, ao contrário do que eu esperava, fiquei mais atencioso com Zu (apelido de minha mulher Zuleide) e com as crianças. E até sexualmente, eu me aproximei de novo dela, depois de alguns meses de total inapetência. Era mútua a inapetência. E foi junto que recuperamos as antigas vontades. Porque eu já me sentira muito atraído por ela.

Na terceira semana, não foi possível ver Anancy. Em todas as ocasiões em que eu a procurava, eu não a encontrava em casa, nem de dia nem de noite (e eu ia até o orelhão da rua para ligar para ela). E quando a encontrava, eram sempre as mesmas desculpas, em que eu achava difícil acreditar: um jantar na casa do padrinho; um primo que chegou do exterior e que precisava muito da sua companhia porque estava doente; ou que tinha de estudar com o grupo no curso de italiano que estava fazendo. Tudo parecia plausível e no entanto...

Aquela semana foi muito dura. O trabalho me enjoou e eu cheguei a brigar com Zu, quando ela veio me procurar na cama à noite. Falei que estava muito esgotado e meu tom foi agressivo. Ela respondeu rispidamente e dali a pouco brigávamos como jamais havíamos feito.

Na quarta semana, Anancy tornou-se novamente disponível. Incrivelmente generosa e disponível. Saímos durante três noites, e nos outros dias vimo-nos à tarde. Em casa, entretanto, as coisas prosseguiram difíceis.

Foi na semana seguinte que eu comecei a sentir que alguém – ou vários homens – estavam dividindo comigo Anancy. Ela voltou a sumir, só que desta vez, dia sim, dia não. Quando eu quis falar a respeito, ela negou tudo.

Estávamos em um motel e eu fiquei na cama fumando quando ela foi tomar um chuveiro. Na mesinha de cabeceira estava a sua bolsa e um caderno. Sem qualquer malícia, abri o caderno e comecei a folheá-lo. Lá estavam descritas, com todos os detalhes, as aventuras sexuais de minha amante com uma série de homens. Em geral, um por dia, mas havia casos de dois no mesmo dia. Quando ela voltou do banheiro, encontrou-me furioso.

Não me contive e falei sobre o caderno. Ela sorriu com doçura:

Você não percebeu que isto é ficção? – disse ela. – Acha que eu deixaria um caderno assim perto de você?

Eu não disse nada. Continuei furioso, embora um pouco menos belicoso, amolecido pelos beijos e abraços que ela me deu. O corpo dela me atraía de tal maneira que seria difícil não acreditar nela ou não perdoá-la.

23 SETEMBRO

Embora eu esperasse que na semana seguinte tudo ficaria em ordem e eu a veria sempre que quisesse, nada disto aconteceu. Estivemos juntos na segunda, mas, quando eu quis levá-la a um motel da cidade ela disse que não estava muito bem

disposta. Disse que preferia almoçar e o apetite que mostrou quando almoçava despertou-me suspeitas quanto à sua indisposição.

Na terça, não consegui falar com ela. Ninguém respondia em sua casa e a secretária estava desligada. Na quarta, liguei bem cedo e atendeu correndo, dizendo que estava apressada para o exame de italiano. Mandou-me pelo telefone um beijo caloroso e desligou antes de eu completar a frase em que ia convidá-la a um teatro. Na quinta, também falei com ela de manhã, quando não estava tão apressada, mas um pouco impaciente. Disse que ficaria o dia muito ocupada, mas que poderia me encontrar na esquina da Buenos Aires com a Rio Branco, às 2 e 30. Ela ficou um pouco confusa para explicar em qual dos quatro cantos, mas chegamos a um acordo que seria do lado par.

Lá cheguei quase meia hora antes, com o coração esbaforido. Vi que não estava tomado apenas de desejo sexual. Sentia uma paixão cada vez mais forte por Anancy e, como costuma acontecer, cada dificuldade de vê-la intensificava os meus sentimentos. Em casa, a situação piorava a olhos vistos, porque eu me sentia cada vez mais afastado da minha mulher e mesmo os meus dois filhos não me interessavam muito, com suas brigas, correrias e gritos. Os dois tinham sido diagnosticados como hiperativos e eu vi que não tinha muita paciência. E era minha mulher que os levava a um tratamento.

Dois alunos passaram enquanto eu estava esperando. Pararam um pouco para conversar e eu fiquei sem jeito. Logo foram embora. E aí passou um juiz que sempre me tratara simpaticamente. Felizmente, ele quase não parou. Deu uma estancada, disse um oi respeitoso e falou que estava apressado. Vi-o indo embora realmente com pressa.

Faltavam quinze minutos para as 2 e 30 quando Anancy apareceu do outro lado da Rio Branco. Pensei que tinha me visto, mas me enganei. Pensei, também, que ela vinha na minha direção, mas ficou lá do outro lado. Parecia esperar. Não demorou muito e veio um rapaz da metade de minha idade. Os dois se beijaram furiosamente e depois começaram a falar com muita animação. Eu tudo via, protegido por uma banca de jornal. Não ficaram muito tempo juntos. Ele foi embora.

Quando ela atravessou a Rio Branco, notou a minha presença e acenou. Eu estava furioso e sentia-me humilhado. Ela chegou e disse um oi, sem abraço ou beijo.

– Quem era aquele que beijou você lá do outro lado da rua?

Ela me olhou espantada e também respondeu diretamente:

– O meu namorado. Você é meu amante. Não está satisfeito?

Não respondi. Sugeri que tomássemos um carro e fôssemos a algum lugar para conversar. Ela aceitou e no carro foi explicando que gostava muito do namorado, mas que era contra isto de ser de um só. E que gostava de mim também, mas de um jeito especial. Mas o seu amor era para Timeu, seu namorado.

— Eu sou assim mesmo. Eu já me aceitei. Será que você me aceita?

Eu não consegui aceitar. A princípio, pensei que era possível. Afinal, não tinha eu também a minha Zu? Mas era diferente. Eu já não sentia qualquer arroubo pela Zu, enquanto não conseguia pensar em outra coisa que não em Anancy. Na primeira semana, ainda aguentei. Na segunda, não parei de telefonar para ela, e quando a encontrava, suplicava para que ficasse comigo, que eu deixava tudo. Não adiantou. Dias depois, ela anunciou que estava tudo acabado. Sofri muito, mas acabei achando que era melhor assim.

Acreditei mas não pude saber, foi só uma boa farsa.

10 MAIO

1. Sobre a escuridão e a luz

Busco uma forma de desenvolver pensamentos que possa trazer à luz a maneira como a vida se manifesta, não apenas nos acontecimentos, mas também como repercute no entendimento. Sempre penso em uma espécie de roteiro a ser seguido por mim e por outros. Este roteiro levaria a algum lugar especial, onde se faria alguma luz e mesmo seria possível mover-se em meio a sombras.

Estes pensamentos se dão no interior de uma grande escuridão, que tem algum sentido profético e que esconde o próprio cotidiano. Não cabe dizer que dias negros virão. Estes dias já estão se iniciando assim, e assim terminando. Sempre o mundo se apresentou como um misto de luz e escuridão. Jamais, nas suas contraposições, houve o definitivo.

De que é feito o cotidiano? Precisaria ir adiante dele, o que não é realmente possível. Vejo este cotidiano mal conseguindo ter uma forma. Os seus contornos não lembram qualquer figura.

Há uma relação que precisaria esclarecer entre a maneira como se lança o cotidiano e o modo em que se revelam os vozes da interioridade. Tenho a certeza

de que em qualquer um está instalado um tumulto, porque é longínquo o entendimento do que ocorre.

O cotidiano inicia-se em meio à escuridão da meia-noite e ali mesmo termina. A luz que se mostra é cercada de sombras em seu começo e em seu final. Pode-se pensar o universo disto, afirmando que a escuridão é cercada pela clareza do dia. Mas é difícil persuadir-se.

Estou seguro de que não existe um roteiro para o pensamento e que exatamente nos pontos em que ele dá o que poderíamos chamar de salto nada podemos prever ou providenciar. O roteiro só pode ser tomado exatamente quando o momento da criatividade já transcorreu e um novo estilo de pensar manifestou-se.

O roteiro do pensamento pode ser útil de duas maneiras.

De uma parte, para recolher tudo o que conseguimos ao longo do caminho: as impressões, os pensamentos que conseguimos acolher, as nossas inconsistências, que às vezes custamos a perceber. Mas nada podemos antever em relação ao ponto de chegada. Mas nem sempre chegamos àquele lugar vazio no qual conseguimos às vezes fincar nosso entendimento e dizer o que ainda não foi dito. Ali sepultamos uma antiga maneira de olhar para as coisas e começamos a regar uma nova planta.

Posso não me interessar e mesmo repudiar o cotidiano, naquilo que tem de aprisionador e de repetitivo. Mas não há alternativa para o cotidiano: nele nascemos e morremos. O que pode haver é uma impressão de que saímos do cotidiano, devido a um brilho diverso do dia, de nossa mente ou de alguma impressão. Se olharmos com cuidado, porém, o cotidiano permanece envolvendo e contendo tudo.

Portanto, a regra é penetrar o mais fundo possível no cotidiano, buscando encontrar o seu oposto no seu interior. Será isto possível? Certamente: é como encontrar algo de irrepetível em meio ao repetido. Como isto pode acontecer? Somente pelo acaso. Pois é esta busca: do acaso, da coisa fortuita, que conseguiu penetrar na ordem, apesar de tudo. Para quê? Não há alternativa: é para construir uma nova ordem.

Pode-se ver que esta concepção do entendimento com a qual iniciamos, parece-se com a história dos reis e dos conquistadores. Até o momento da conquista, o conquistador é um desconhecido, e pouco se dá por ele. O rei, isto é, a ordem, é todo poderoso e não há um meio de olhar para o horizonte que não seja por seus

olhos. Mas o conquistador um dia obtém o reino e deixa de ser anônimo. Daí, estamos novamente diante de um reino.

Não que cada reino seja necessariamente melhor do que os outros. Parece que no fundo todos se equivalem. Esta equivalência dos modos de pensar em sua originalidade só pode ter dois entendimentos. O primeiro é que valem muito, tanto que não podem ser medidos e nesta desmedida se igualam. O segundo é que valem muito pouco, ou quase nada.

Há, entretanto, uma outra forma de entender a sucessão dos reinados, ou melhor, das dinastias. São de fato os súditos que mudam, também por uma razão casual. Alguma transformação realiza-se em sua sensibilidade, e começam a voltar a sua atenção para o que antes nem notavam. Prepara-se assim o terreno para uma nova maneira de ver que tem em alguém o seu revelador.

Esta segunda maneira de entender as novas ideias parece bem mais elaborada. No primeiro caso, de um fundador de dinastia, não há nada que explique, a não ser uma mutação individual. Neste segundo caso, algo está ocorrendo no grupo – na série de suas experiências – que vai modificando a sua aceitação das coisas. Talvez tudo seja acompanhado de um desconforto e da experiência de que muita coisa não funciona nem é bem entendida.

Pode-se partir para uma solução de síntese. O grupo transforma-se e abre-se para o novo, e o iniciador da dinastia não somente capta o que o grupo está percebendo indistintamente, como é realmente quem consegue de fato dar expressão a este desconforto e a esta nova visão.

11 MAIO

2. O afastamento da luz

Não fiquemos presos à metáfora da luz como correspondente ao entendimento, embora a contraposição de uma escuridão em que a pessoa se acha e uma luminosidade que se revela é difícil de ser abandonada. Nem precisamos fazê-lo. Podemos, porém, admitir que há coisas que a luminosidade impede de ver e que a escuridão revela. Temos, por exemplo, o caso da fotografia: os filmes são velados pela luz e só podem ser revelados na obscuridade.

O movimento deve ser duplo. Afastemo-nos da luz e da sua busca e seremos recompensados com descobertas interessantes e até importantes. A busca da escuridão pode ser a busca de um lugar propício, como também a recusa do

entendimento. Não são ambos a mesma coisa, embora haja confusões a este respeito.

Deve também haver dois tipos diferentes de compreensão. A compreensão luminosa arranja e ordena. A compreensão obscura pode ser muito acolhedora e parece nos levar a um lugar ignorado e perdido, cujas características não permitem que façamos um mapa para atingi-lo.

Há outro afastamento da luz que se dá exatamente quando a ordem das coisas deixa de predominar. Há uma confusão no entendimento e uma desistência de pensar, em parte porque ninguém quererá saber disto e mesmo poderá perseguir quem será tomado como mensageiro.

Em tempos luminosos, aprende-se a fazer grandes planos e ter o universo à disposição. Em tempos mais obscuros, aprende-se a tatear. Ter estas alternativas à mão permite a ir a um número maior de lugares.

26 MAIO

3. O afastamento dos sons e o oculto do silêncio

Longe da divisão entre luz e escuridão, existe um outro afastamento que exploramos sempre. Dá-se entre a sonoridade e o silêncio. Há diversos tipos de sonoridade e o extremo de que queremos falar é o de um barulho capaz de nos tornar surdos. Sim, é desta forma que sinto o presente, quando todos os tipos de amplificadores tornaram-se tão poderosos. Eles são capazes de dar um volume insuportável a qualquer ruído ou a qualquer palavra. Não há, porém, uma tecnologia tão poderosa para amplificar o silêncio. O máximo que se conseguiu foi impedir que os sons chegassem a um ambiente ou dali saíssem.

Não tenho dúvidas de que o pensar é completamente aparentado do silêncio, embora não lhe seja inteiramente idêntico. O silêncio dá a possibilidade ao pensamento, que hoje em dia tem de lutar contra uma enxurrada de aparências de pensamentos e contra um ruído que não somente não para quanto é cada vez mais amplificado.

O silêncio é uma forma de parar e interromper, e se por acaso se liga à falta de energia para mover-se e finalmente à morte, temos de acolhê-lo em sua capacidade negadora e em sua função de um fundo no qual podem aparecer as palavras que simplesmente lhe convêm. Uma palavra aparentada ao silêncio pode mostrar a sua preciosidade. Nesse sentido, não há realmente qualquer palavra que possa ser

liminarmente rejeitada. Todas são boas, na medida em que possam acomodar-se ao silêncio.

Uma das maneiras de pensar o silêncio é fazê-lo musicalmente, reconhecendo sua importância como uma interrupção entre os sons, pois aí se pode dar realmente o ritmo. Também, ao silêncio corresponde a cor branca, pois enquanto esta contém todas as cores, o silêncio parece conter todos os sons. Ao silêncio não corresponde à escuridão, senão em parte. Talvez, aqui possamos perceber que não há tanta simetria. O silêncio corresponde tanto ao branco quanto ao negro, o que dá a sua abrangência.

Em uma época em que é exposto ou se busca expor ou ainda que se quer fazer parecer que se expõe tudo o que antes se encontrava encoberto, o silêncio não é visto de forma positiva. Significa apenas um recato criticável, ou o sinal de que algo que deveria ser exposto foi contido e impedido. Assim, o ideal desta época – e aí se pode entender como o pensamento encontra dificuldade – é de um som contínuo ou quase sem interrupções.

O pensamento tem então um caminho privilegiado: basta perseguir os pequenos silêncios ou encontrar no meio das palavras ou de outros sons, onde eles se encontram, e sem medo de com eles se defrontar, abrir-se ao que um simples pensamento tem a nos mostrar.

12 MAIO

4. As variedades da escuridão

Há três tipos de experiência da escuridão a que faremos inicialmente menção. Há uma escuridão da visão, uma escuridão interna e uma escuridão externa.

A escuridão da visão é a cegueira física, de que somos acometidos em graus variados e de que alguns são atingidos completamente.

A escuridão interna toma a forma da vontade de prosseguir na ignorância. Não é só a ignorância, mas a vontade de nela permanecer e opor-se a qualquer movimento no sentido de extingui-la. Esta escuridão é um movimento da afetividade, que contém um ódio ao conhecimento e a todos que o tragam e ao esforço por obtê-lo. É uma mistura de preguiça e de resistência a ser contrariado.

A escuridão externa dá-se quando a maioria opõe-se ao conhecimento e deseja permanecer no ponto em que se encontra. Odeiam o saber e a educação e preferem resistir a qualquer mudança na sua compreensão.

Há mais outras formas de escuridão a serem consideradas. Certamente, não faremos a lista completa das escuridões, mas consideraremos algumas das principais.

Uma outra forma de escuridão dá-se quando o movimento das coisas torna-se de fato confuso e nenhuma direção pode ser percebida. Falamos do movimento das coisas em uma pessoa, em uma família ou em uma nação. Nestes casos, as ações daqueles que são responsáveis são em parte a causa do instalar-se a escuridão.

A última forma de escuridão é aquela que se dá em meio à construção de algo novo ou da pesquisa, quando o que antes existia já foi transformado e o que irá surgir só se manifestou em alguns sinais. A dificuldade é distinguir este tipo de escuridão das demais.

13 MAIO

5. A experiência da escuridão

Falemos sobre a experiência da escuridão, sem considerar a luz como referência. Isto não quer dizer que desconsidere a luz e sim que a tome como um valor equivalente. Não quer isto dizer que pretendia destronar a luz.

A escuridão pode tomar a forma da má vontade, a recusa de pensar, de elaborar, de dizer o que pode, e tem uma de suas faces na forma do medo. É um medo original, não apenas de ser inteiramente destruído, mas de ser tornado em pó sem lembrança. É também um medo de ser violado, de perder o próprio espaço, o direito de ser e de expressar-se.

Há, assim, um olhar para as coisas, segundo a perspectiva da escuridão, que pode ser também do ressentimento, a vontade de vingança pelo que foi feito ou pelo que poderia ser feito. O ressentimento pode ser o início de um dos caminhos do pensamento matemático: o ajuste de contas.

Podemos pensar tanto em trazer luz à escuridão como de levar esta aos ofuscamentos da luz. A proximidade da luz e da escuridão dá-se na cegueira que procede do ofuscamento. E a proximidade da escuridão da luz resulta do recolhimento que a escuridão promove.

Assim, luz e escuridão podem aparecer como resultados do pensar. São mais do que isto: são instrumentos preciosos, que podem conduzir-se por si mesmos, e que oferecem também oportunidades na sua condição que parecem maiores que os obtidos em separado.

3 JUNHO

6. A experiência da luz

Já falamos no ofuscamento, e talvez o precioso desta experiência seja o desaparecimento que promove. É realmente ser consumido na luz. Mas nosso sentido de sobrevivência rejeita a extinção e não a aprova. O ofuscamento não é desejável. Assim, gostamos parcimoniosamente da luz, isto é, apreciamos um pouco de escuridão, ou, para dizer de forma mais amena, gostamos da sombra.

Esta apreciação da obscuridade possui vários sentidos. Um deles é da natureza da nossa animalidade. O outro é que fomos moradores de cavernas, que poderiam nos ter protegido do clima e de outros animais, mas parecemos afeitos a eles. É muito conhecido o mito da caverna de Platão, às quais estaríamos afeitos e incapazes de ver a luz do sol, que é a verdade e o bem. Ele parecia fazer a contraposição, sem admitir algo de efetivamente próprio e natural na sombra.

Nós abandonamos a contraposição absoluta entre luz e sombra. Admitimos que há valor nos dois extremos. Sem dúvida continuamos em parte a admitir que a escuridão, a ignorância e a vontade de não saber parecer andar juntas. Mas há um vontade de escuridão que pode ter outras motivações. Afinal, de que serve a luz nesta vida, se ela nos consome.

Queremos a luz, mas em bocados razoáveis. E cada um de nós teria sua proporção recomendada. Há, porém, uma metáfora que pode ser utilizada: da mesma maneira que nos temos de nos acostumar à luz, seria de se admitir que aos poucos podemos tomar cada vez mais maiores de luz.

A experiência da luz força-se a ser entendida como a de clareza e do entendimento. Temos de relativizar isto, porque podemos entender que entendimento como uma espécie de sintonia e deste modo inclui-se algo da escuridão. Não há coisas que só se encontram quando tateamos e neste caso a presença da luz é inútil ou mesmo nociva.

Devemos reconhecer que há um limite do que podemos explorar quando expomos ao que entendemos por luz e sombras. Assim, cumpre explorá-los, conviver um pouco com as compreensões que fornecem e ir adiante.

14 MAIO

7. A descrição do cotidiano

É no dia-a-dia que os pensamentos se apresentam e onde podem ser colhidos. Podem ocorrer durante o dia, nos momentos inesperados, quando cansamos de buscá-los. E podem surgir à noite, em meio aos sonhos, e principalmente durante os momentos em que adormecemos. Pergunto-me como chegar a eles e como capturá-los. Não me refiro a pensamentos comuns, que costumam ser apenas a expressão de desejos. Falo de pensamentos que servem para me organizar ou para me livrar de caminhos que me estão escravizando. Trata-se de achar pensamentos que libertam de outros pensamentos. E que poderão tornar-se também escravizadores algum dia.

É preciso viver do cotidiano e também lutar contra ele, que é insuportável na sua repetição e que costuma ser torturante, ao afastar-nos da compreensão. É preciso abrir um espaço no cotidiano, o que é uma escavação quase sempre perigosa.

É no seio do cotidiano, em algum de seus momentos, que podemos captar uma espécie de brilho diferente, seja nos movimentos interiores, seja em algum encontro. Certamente, seria um andar atrás desta colheita, como uma espécie de garimpeiro. Mas não tê-la é uma condenação.

O caminho é entregar-se ao que vem do dia e também fazer planos para iludi-lo. Que pense que será a repetição e, no entanto, ser levado por um caminho que antes não se previa. Sei que este movimento, que é o único fundamental, torna-se cada vez mais difícil, na medida em que a vida fica tomada de rotas e compromissos. Certamente, não é o caso de afastar-se. O difícil é encontrar o ponto em que há uma espécie de dobra, um pequeno abismo que pode assustar e que, no entanto, é a única salvação daquele que vive para a compreensão.

Procuro modelar o cotidiano, e quando busco dar-lhe uma forma mostra-se incapaz de ser moldado por muito tempo e faz retornar os seus modos que são também os meus. O cotidiano pode me anunciar o brilho da vida e também aponta quase sempre de modo sorrateiro alguns sinais de que haverá a destruição. Não tento entender o que estas mensagens querem me dizer. Há alguma coisa que me faz desistir de buscar a compreensão e neste ponto, em vez de entender, encontro uma espécie de paz. E por detrás da paz, acho o desespero. E por detrás do desespero volto a encontrar a paz. Trata-se de uma escala que se poderia repetir imediatamente e tomar conta do próprio cotidiano.

8. Para que serve o entendimento

Tudo o que falamos a respeito da luz e da escuridão tinha a direção do entendimento. Certamente, não se abre mão dele, porque em todos os movimentos ele se encontra ou deveria ou poderia encontrar-se. Há assim um entendimento que se usa, sem ter muita consciência. Quando examinada a situação ou o gesto, percebe-se que sem a compreensão não poderia ter ocorrido. Estamos mais acostumados hoje a pensar em sentimentos inconscientes e bem menos em um processo de pensar de que não nos damos conta.

O entendimento serve, portanto para o simples existir humano, que sem ele não se realizaria. Por isto somos chamados de animais racionais, isto é, animais que possuem o entendimento. Os animais parecem ter em algum grau também o entendimento. Só que o nosso é tão mais amplo que se torna difícil até de comparar.

Uma das funções mais importantes do entendimento é a orientação que nos traz. Uma das situações mais difíceis que vivemos é a da desorientação, que imobiliza completamente. Desorientação pode significar não saber quem se é, aonde se deseja chegar e onde a pessoa se encontra. É a tudo isto que chamamos de escuridão, embora tenhamos dito que a escuridão não é inteiramente negativa.

Há ainda algo que parece completamente ausente nos animais, que é a busca de entender o entendimento. Trata-se de uma visão de conjunto que inclui não apenas o que foi entendido quando o entendimento. Não há garantia de que tal entendimento seja possível. Certas ideias filosóficas implicam em um esforço inútil. De qualquer forma não deixa de nos distinguir dos animais, que não parecem dedicar-se a esforços inúteis.

O entendimento, como já disse, volta-se para o entendimento de si e o entendimento do outro. O entendimento de si dirige-se a compreender quem somos e o que queremos. Será que isto se dá de modo imediato? Não. Muitas vezes é como se perdêssemos contato com quem somos e o que queremos. Aí entra o entendimento que busca sinais e indícios e vai-nos dizer o que somos e o que queremos. Tudo isto significa que mesmo em nosso interior vivemos em meio à obscuridade.

Em relação ao outro, distinguimos coisas e pessoas. As coisas tornam-se mais fáceis de entender, porque não desejam, apenas são. Mas saber o que são as coisas também não é tão fácil. Parece que o entendimento costuma ter certos preconceitos contra os quais tem de lutar.

O entendimento de pessoas apresenta outras complicações. As pessoas também têm desejos que podem não estar claros para elas. Também podem simular para si e para nós os desejos que possuem. Além disso, as pessoas, porque apresentam certos modos de ser cristalizados também participam da maneira das coisas, com suas dificuldades próprias.

9. O entendimento de si - I

Propor-se um conhecimento de si mesmo parece ser um bom programa, consagrado inclusive pela tradição que remonta pelo menos a Sócrates. O que é difícil é dizer do que realmente se trata e depois cumprir o programa. Refere-se a conhecer-se como um ser individual, localizado no tempo e no espaço? Ou significa entender-se com um ser humano e entender o que é a nossa humanidade?

Cada uma destas alternativas promete sucessos apenas parciais. Saber quem realmente somos leva certamente uma vida, porque para isto temos de saber como agimos em inúmeras situações, inclusive ao longo das fases da existência. Entender o que vem a ser a nossa humanidade também depende do tempo e de descobertas sobre formas de vida sobre a natureza do universo.

Façamos, pois, mapeamentos delimitados. Não posso dizer quem sou, mas ao menos quem venho sendo. O mesmo posso dizer a respeito da humanidade. No entanto, os elementos para o raciocínio são bem parciais.

Sobre a humanidade, é certo que já existimos há muitos milênios. Mas a série de situações por que passamos – por exemplo, os estágios tecnológicos ou os estágios do conhecimento – foram relativamente pouco numerosos para daí chegarmos a uma lei. Por exemplo, na física moderna tivemos realmente duas visões organizadoras que foram as de Newton e as de Einstein, e isto em pouco mais de quatrocentos anos de ciência moderna. Que podemos dizer a respeito dela que possa valer para os milênios que, otimistamente falando, nos esperam? Desta forma, podemos fazer para o conhecimento da humanidade algumas arrumações toscas de ideias, e é interessante que quanto mais toscas foram maiores foram os conflitos dos que apoiaram visões distintas.

Talvez, para chegar a uma conclusão provisória, podemos dizer que a humanidade tem duas tendências fortes. A primeira para um sucesso inegável em termos de desenvolvimento de todas as suas formas. A segunda no sentido de uma precipitação para conclusões que mostra o quanto é impelida por uma angústia que

a leva de equívoco em equívoco. Mas ainda podemos desculpar esta característica admitindo que estejamos equivocadamente olhando para os equívocos, que fazem parte do jogo. O que não é nada demais, porque outra característica da humanidade, pelo menos em alguns campos importantes, é aprender com os seus erros.

10. O entendimento de si - II

Há vários aspectos que podemos buscar entender em relação a nós mesmos. Queremos destacar dois que são relevantes para esta pesquisa. O primeiro é como investigador e pensador. O segundo é como amador. Sim, amador. Isto é, aquele que é capaz de amar sem interesse.

Agora, trataremos do investigador.

O investigador tem de ter curiosidade e uma espécie de faro. Ter realmente algo de Sherlock Holmes, porque precisa de lógica para poder entender as pistas que lhe são oferecidas e por seu intermédio chegar ao que pretende. A combinação de curiosidade, faro e lógica é bem rara, mas considero que todos os que enveredam pelo caminho do pensamento já sentem que os têm à sua disposição, em certo grau.

O pensador é uma espécie de investigador. Investiga os seus pensamentos e os dos outros, especialmente para saber aonde levam e o que podem revelar. Acompanhar um pensamento é uma atividade lógica e também associativa. Um pensamento é desenvolvido através da exploração lógica de suas consequências. A lógica não precisa ser apenas dedutiva. Pode ser sistêmica, significando isto, as articulações com outros pensamentos que parecem interessantes e férteis.

A exploração associativa do pensamento dá-se através de ideias que surgem diante de nossa ideia. Isto é, o que ela faz-nos correr. Não se trata de um jogo cego, em que se lança qualquer ideia para ver o que acontece. A associação deve ter raízes profundas. Deve manifestar-se espontaneamente e nos dar a impressão de que realmente as duas ou mais ideias casam. Casar significa que formam uma união que produz outras ideias. E ainda que nem pareça que jamais estiveram juntas.

O entendimento de si é saber o quantos destes meios estão espontaneamente à nossa disposição. E há também uma espécie de estoque de ideias que nos ocorrem mais fácil e frequentemente e que de algum modo fazem parte de nós. Familiarizar-se com estas coisas é importante e não impede as surpresas que acabarão sempre ocorrendo.

11. O entendimento de si - III

A outra forma de entendimento de si que importa é relativa ao amor. Como é que se ama e o que se ama?

O amor pelas ideias tem de possuir uma determinada forma. Elas têm de ser muito vivas, como se fossem quase objetos concretos, e devem ser amadas, gostando-se de com elas conviver. Só que o amor também tem de ter outra característica: a pessoa não pode simplesmente apaixonar-se e colocar-se a seu serviço. Não se trata de simplesmente lutar pelas ideias como se luta pelo bem-amado. Há que manter uma certa distância, de modo a poder delas extrair o que se deseja. O problema é de apaixonar-se pelas ideias, sem a elas submeter-se.

Para tanto, é preciso conhecer-se como amador. Reconhecer ao longo da vida como foram os amores e as paixões do pensamento. Isto não é fácil, porque é preciso passar por muitas experiências para se ter condições de descobrir a forma de nosso amor pelas ideias. Talvez tenhamos ficado presos em um conjunto de ideias – de um autor, como costuma correr – e perde-se qualquer condição de examinar o que tinha sido até então. Parecem simplesmente um conjunto de erros.

Se for possível, mesmo ficando preso a um conjunto de ideias, olhar para trás, poder-se-á descobrir que os amores anteriores preparavam, sem querer e sem saber, o amor atual, isto porque tornaram possível ver o que vimos e prestar atenção ao que antes talvez tenha passado despercebido.

O outro amor que é preciso examinar é voltado para as demais pessoas que também amam as ideias. Isto é bastante obvio, mas pode ser esquecido. As pessoas que gostam de esportes andam juntas, assim como aqueles que têm outro gosto. Mas o gosto pelas ideias, ao menos entre nós, não é algo tão evidenciado e, por uma espécie de timidez e por outras dificuldades, talvez de natureza cultural, os amadores de ideias muito facilmente acabam por não suportar-se.

É que o amor às ideias tem de manter uma relação com o amor de si. Se os ligo extremamente, qualquer ataque às ideias será tomado como um assalto pessoal. Portanto, devo estar e não estar tão ligado às ideias. Devo lutar bravamente para provar ou justificar as razões de meu apreço por elas. Devo estar disposto a abandoná-las assim que mostrarem a sua insuficiência ou inutilidade. É um tipo especial de amor, diferente do que é dedicado a pessoas ou a times de futebol.

O outro tipo de amor necessário e, poderíamos dizer que é o mais abrangente, é o amor pela inteligibilidade, ou seja, pela compreensão ou entendimento. Na

verdade, amam-se as ideias porque elas carregam o projeto de inteligibilidade. Pode-se gostar delas por um motivo particular – como se gosta de uma pessoa por motivo particular. É que determinados tipos de ideias nos atraem mais do que outros. O problema, digamos cármico, do pensador é gostar naturalmente de determinadas ideias que serão frutíferas. A ruína se dá quando se gosta de ideias que não podem ser levar adiante à inteligibilidade, sendo becos sem saída.

21 MAIO

12. O entendimento do outro

O outro é o teste para o pensamento que tende a ser monológico, a bastar-se. O outro tem de ser entendido se se quiser um pensamento que seja realmente abrangente. Mas o outro não é apenas para ser entendido. O outro é crítico. É ele que tem de confirmar ou refutar o pensamento. No fundo, é a ele que o pensamento se dirige e ao mesmo tempo parece querer não se submeter.

Em certo ângulo, o entendimento do outro é paralelo ao entendimento de si. Há que entender como funcionam suas ideias e como se põe a sua pessoa. Mas há algo específico com que é difícil de se lidar. Trata-se da diferença. O outro, por ser outro, é diferente, e, por ser diferente, é outro. Mesmo que suas ideias sejam próximas e semelhantes a nós, há uma diferença fundamental. A sua experiência não se superpõe à nossa, nem o seu ponto de vista. Pensar o todo e pensar o variado, eis o grande desafio.

O outro aparece diante de nós, em termos da argumentação e de persuasão. Temos de provar-lhe muitas coisas que nos parecem evidentes. E como provar-lhe? Provas que nos parecem certas e evidentes assim não se apresentam a ele. Além disso, temos de persuadi-lo a ouvir-nos e sobre a relevância das ideias que apresentamos. Supostamente, ele também está às voltas com as suas ideias e suas provas. Como fazer para que ele preste atenção em nós e também aceite que aquilo que consideramos bem ordenado apresenta realmente ligações nem sempre firmes com algumas até bem toscas.

Há um outro próximo e outro distante. O distante parece mais manejável: é o leitor em geral, que em termos de pensamento é muito difícil de avaliar. Em que grau de profundidade terá pensado o que consideramos necessário para entender e acompanhar o que estamos desenvolvendo? De fato, o que temos dentro de nós, que nos serve de interlocutor, é um outro próximo, quase sempre determinado: o

autor, um colega, um amigo. É a ele que frequentemente tentamos responder, e subitamente o nosso discurso, voltado para um argumento particular, atinge o público, isto é, a todos. Este é o outro a quem chegamos sem ter mirado, e quando estamos voltados para ele, realmente fazemos uma obra que seja característica do pensamento. Será no máximo uma vulgarização.

Há uma forma de entender o outro que é ainda mais importante e também mais difícil e mais interessante. Não se trata apenas de entender o outro como interlocutor e sim entender o mundo como algo que em sua própria definição apresenta-se como um conjunto de outros. É introduzir uma dimensão na compreensão que envolve a profundidade e a interioridade de cada um. Pode-se até dizer que tal realidade de uma série de eus que são outros nem parece capaz de ser realmente entendida. Deve ser assumida e considerada, e reconhecer que toda aventura de ideias pode estar tendendo a um certo fracasso.

13. O entendimento de coisa: tudo o que há e o seu autor - I

Há dois entendimentos sobre coisas que importam. As coisas são tudo o que existe e, portanto, a interrogação mais ampla das coisas pergunta-se pelo que há. Esta é a coisa entendida ontologicamente. Também, podemos distinguir as coisas das pessoas. Estas coisas são assim entendidas ética ou juridicamente.

O antigo ponto de vista da filosofia é se pôr diante de tudo o que há. É uma perspectiva inicialmente do maravilhamento, porque é olhar para o todo – o conhecido e o desconhecido – e colocar-se a possibilidade de que tudo isto poderia não ter existido ou ter existido de uma outra maneira. E, além disto, maravilhar-se também com a ideia de que é possível contemplar desta maneira todas as coisas.

Pode-se perceber nas coisas algum tipo de ordem e talvez uma escala de seres. Há as coisas orgânicas e inorgânicas, formando dois conjuntos distintos. Cada uma delas com suas formas e com a sua complexidade, e com seus arranjos. Este tipo de contemplação dificilmente deixa de pergunta-se pelo autor de tudo isto. A possibilidade de que tudo não tenha jamais surgido parece tão grande que dificilmente podemos aceitar a ideia de que este conjunto de coisas tenha surgido apenas do acaso.

É certo que vemos erros, monstruosidades e imperfeições neste conjunto de coisas. Mas a quantidade de maravilhas e perfeições parece insuportável. A engenhosidade do que se dá no nível infra-atômico ou dos processos que apresenta

em termos genéricos parecem difíceis de explicar sem a presença anterior de algum tipo de plano ou arranjo.

Pode ser que a ideia de um planejador ou de um executor seja apenas uma exigência da nossa mente. É outra interessante e estranha coisa que pertence a este mundo e que exige para ele um autor. Como se poderia ter formado de uma maneira casual e acidental uma coisa que exige um autor? E a pergunta pode ser feita de um outro modo – criticando-se a própria ideia de um autor: como é que se formou uma coisa como esta mente que se contrapõe a si mesma, lidando com teses opostas que ela mesma cria?

Há, entretanto, um outro movimento possível. Mesmo que haja um autor, não parece que seja possível realmente conhecê-lo e saber dos seus desígnios. Há uma série de coisas inexplicáveis e mesmo absurdas, de modo que parece que a capacidade de entender possua limites. Uma das coisas que parecem mais incompreensíveis é a vida humana, na qual existe tanto a racionalidade quanto a irracionalidade em graus muito intensos. Por que será que temos a razão, a capacidade de entender, e ao mesmo tempo tanto nos escapa em termos de entendimento. Por que a história do entendimento é tanto uma história de erros quanto de acertos?

14. O entendimento das coisas - II: o que há e o que não há

O entendimento de pessoas

O heroísmo do entendimento

Saber esperar as ideias

Escrever para todos e para ninguém

O infinito em nós

Como fazer perguntas

A vida como problema

O enigma da desistência (de forçar a vida)

Que saber devo buscar

A busca entre as pessoas

A busca entre os livros

O que fazer com a ignorância

O que fazer com o conhecimento

Perguntar e responder

Perguntar

Responder

Problemas e soluções

Problemas

Soluções

O que fazer com o grupo

As tradições estão caladas

O silêncio dos antepassados

O silêncio dos que virão

O ruído do presente

A cruz

O círculo

O rodado (onde me perco)

A quem falar

Com quem falar

Porque escrevo

Meu contentamento

A busca da felicidade

Minhas angústias

Quando não sei o que dizer

LÓGICA

Sentido

Quando vejo que estou fazendo coisas sem sentido, que não me vão levar a lugar algum, posso ficar muito preocupado ou indiferente. Há certas ocasiões em que não me transtorna fazer coisas que carecem de sentido. Quando não tenho nada para fazer, quando não estou voltado para buscar nenhum resultado, experimento da indiferença ao sentido. Em outras ocasiões – como as de vida ou morte – não conseguir fazer algo que tenha sentido para os meus propósitos é razão para um verdadeiro desespero.

Esta é a introdução mais direta às questões de sentido. Existe outra que é mais suave: o que é dito pode ou não ter sentido. Não se trata mais de ações, mas de textos ou discursos. De fato, quase sempre nem me preocupo tanto com o seu sentido. Assumo que tem sentido e nem percebo que estou entendendo e

respondendo. Parece que é um processo mecânico: recebo informação, decodifico, entendo e respondo. Diante de um língua estrangeira, que ainda manejo mal, a todo momento sinto que o sentido falta, que a minha compreensão falha. Neste ponto, se refletirmos um pouco, será visto como vivemos em um mar de sentidos e que assumimos que nada falta. Ou será o contrario?

Quando somos resistentes à falta de sentido? É um tipo de resistência que se dá em relação às doenças. Será que as novas gerações estão mais imunes à falta de sentido do que as velhas? Serão os velhos mais exigentes frente à falta de sentido, aos absurdos?

Neste caso, não darão o mesmo valor ao sentido? Será que o sentido terá para eles o mesmo sentido?

E qual é o sentido do sentido? Há talvez coisas em relação às quais não se pergunta pelo sentido: são o que são, e somos indiferentes para o que sirvam ou para onde nos levam. Há outras em relação às quais importa saber o sentido. A existência humana, como um todo, precisa ela ter sentido? Será que não é o caso de viver simplesmente, enquanto a procura por um sentido acaba sendo um obstáculo ao que importa: simplesmente viver? Mas ninguém parece mais satisfeito de fazer as coisas sem qualquer razão, conviver com quem não traz satisfação, fazer coisas que não sirvam para algum benefício, como, por exemplo, o crescimento pessoal. Parece que a questão do sentido deslocou-se. Abre-se mão do sentido maior da vida e passa-se a ser mais exigente com sentidos particulares.

O sem sentido

Interpretação

O que quis dizer com isto? A interpretação é uma espécie de tradução, mas é mais do que isto. Procuro mostrar o que está sendo dito, mas que não é realmente óbvio e imediato. A interpretação tem a ver com as coisas ocultas. Quer dizer que nem todos os sentidos mostram-se evidentes. Temos, portanto de dar algum crédito aos intérpretes. Mas como julgar a sua competência? Se afirmarem que só eles podem ter entendido e, portanto, só eles podem interpretar, como crer?

Existe um tipo de interpretação que é julgada de outra maneira: a interpretação musical. Gosto mais desta do que daquela. Mas poderia eu dizer que gosto mais de uma interpretação de um texto constitucional do que de outro? Certamente, em outro sentido: a primeira interpretação me beneficia. Mas não nos interessam apenas

estas interpretações, pois queremos que nos digam o que o texto realmente quis dizer.

Interpretar o sentido de um texto é chegar mais próximo, ou mesmo introduzir-se nos sentidos que nos são imediatos ou próximos. Isto quer dizer: falar a minha linguagem. Assim, entendemos que interpretar é traduzir. Mas quem garante que a linguagem em que o texto foi pronunciado – escrito ou falado – pode ser traduzido em minha linguagem, sem perder coisas importantes e até essenciais? Há algo que incomoda: até que ponto as diversas linguagens contêm os mesmos sentidos? Estamos mais ou menos acostumados com a ideia de que uma língua possui palavras – portanto sentidos – que não podem ser traduzidos em outras. Se levarmos isto bem longe, vamos chegar a um ponto de preocupantes graus de incomunicabilidade. Se pensarmos que cada cultura expressa-se em uma linguagem, temos aí um embaraço de comunicação? Pensamos na comunicação entre pessoas da Groelândia com as da Amazônia. Até onde iria a dificuldade de comunicação? Será que valeria entre a linguagem de minha adolescência e de minha vida adulta? Se passassem muitos anos, tendo a sociedade e a cultura mudado substancialmente, não poderia dizer que eu realmente não consigo me entender?

Precisamos talvez de um sistema que permita determinar o sentido de todas as coisas. Há dois sistemas bem conhecidos nesta direção. São o marxismo e a psicanálise. Eles pretendem dar sentido a tudo o que ocorre e a tudo o que fazemos e, ao mesmo tempo, dar sentido a si mesmos. Mas quando encontramos coisas que não fazem sentido ou quando não conseguimos atinar com o sentido que pretendem apresentar estes sistemas, podemos cair em um ceticismo do sentido. Isto já ocorreu. A situação mais intrigante e também interessante é quando estes sistemas entram em choque. Como decidir? Como encontrar algo que dê sentido a ambos? Neste ponto, a busca do sentido fracassa. É certo que se pode buscar o sentido último em Deus. Mas isto é apenas uma solução aparente, porque os verdadeiros crentes costumam dizer: “acredito porque é absurdo”.

O indecifrável

Lógica

Somos lógicos quando operamos um tipo específico de ordem e a natureza desta ordem é estar dizendo sempre a mesma coisa. Se digo algo e depois, a partir deste algo o que se lhe opõe, não estou sendo lógico. A essência da lógica é a coerência.

Estamos entendendo esta coerência em dois planos. O primeiro é do dizer, o segundo é do agir. Falar com coerência é manter-se no que se diz. Não posso dizer que uma nota de dinheiro é verdadeira ou falsa. Não posso dizer que ela é apenas noventa por cento verdadeira. Mas o que posso dizer a respeito de pessoas? Posse afirmar que fulano é quase sempre verdadeiro, embora minta uma vez ou outra (e até achar que isto é fácil de descobrir, porque quando ele mente costuma piscar muito o olho esquerdo). Agir coerentemente é manter-se segundo uma regra ou princípio de ação. No caso do mentiroso do exemplo, ele é certamente incoerente, porque não segue a regra de mentir em todas as ocasiões. Digamos que mente apenas em relação a coisas de pouca importância e é verdadeiro no fundamental. Não saberíamos como classifica-lo. Será realmente um mentiroso? De fato, perdoamos suas mentirinhas e o consideramos como não sendo um mentiroso. Digamos que sicrano costuma mentir em relação a coisas fundamentais – sobre o seu estado civil ou sobre a sua educação formal. Neste caso, consideramo-lo um mentiroso. Aqui, temos, portanto, uma outra regra ou princípio e devemos nos ater a ela. Será incoerente assumi-la (a regra diz: é mentiroso apenas aquele que mente em coisas muito importantes) e depois abandona-la, chamando de mentirosos tanto fulano quanto sicrano.

Há, assim, vários terrenos em que a coerência é para ser valorizada e em outros, não tem tanta importância. No tratamento dos interesses – do dinheiro, por exemplo –, a incoerência é danosa. Isto significa não seguir determinados princípios, como gastar menos do que se ganha, ou comprar pelo menor preço possível e vender pelo maior possível, e, ainda, emprestar a quem tem condições de pagar. Se se valoriza o dinheiro, tem-se de seguir esses princípios, e é contraproducente não fazê-lo. Pode-se até dizer que no contexto em que vivemos é incoerente não valorizar o dinheiro. Mas o contexto em que vivemos é também incoerente. Por exemplo: os meios de comunicação fazem com a mesma intensidade propaganda de alimentos que nos engordarão e enviam mensagens que valorizam intensa e explicitamente um corpo esbelto, sem gorduras. Incentiva-nos a poupar e a gastar e assim por diante. Portanto, somos objetos muito frequentemente de mensagens que se contradizem.

Sabemos, talvez, vagamente, que existe uma lógica tradicional que nos diz que as afirmações são verdadeiras ou são falsas. Mas existe, também, uma lógica que seria válida em certos contextos físicos, e haveria uma alternativa para o verdadeiro

e o falso. Como é que fica a lógica? Será que temos de abandonar o seu sentido tradicional? Também sabemos que ninguém ama absolutamente e, segundo a psicanálise, em um de seus pontos mais indiscutíveis, há em nossos relacionamentos sempre algum grau de mistura de ódio e amor. Isto chama a atenção para a nossa incoerência. Se somos incoerentes, por que exigir a coerência? A situação da lógica é, portanto, bastante confusa.

(Do suicídio como regra e do automobilista que não segue as regras do trânsito)

Ser ilógico

Paradoxo

Há vários paradoxos famosos. Citemos alguns.

O paradoxo do mentiroso apresenta-se quando alguém faz a afirmação: “Eu estou mentindo”. Se de fato estou mentindo, então a afirmação é verdadeira e, portanto, não estou mentindo.

Há um outro paradoxo: do barbeiro que apenas faz a barba de quem não faz a barba em si mesmo. Portanto, se o barbeiro não faz a barba em si mesmo, deve fazê-lo.

Um outro: relativo ao sofista Protágoras. Ele deu uma formação de advogado a um aluno, com a condição de que este lhe pagasse os primeiros honorários que obtivesse. O aluno decidiu não advogar e Protágoras resolveu processá-lo. Neste caso, se o aluno ganha a causa, então tem de pagar a Protágoras, mas como ganhou, não precisa fazê-lo. Se perde a causa, tem de fazê-lo, mas, como perdeu, não precisa fazê-lo.

Esses paradoxos são de natureza lógica e os lógicos fizeram numerosas tentativas para enfrentá-los, com sucessos variáveis. Mas há outros paradoxos que são de natureza prática: como o de que “se queres a paz, prepara a guerra”. Ou ainda: “Após a vitória, vem o fracasso”.

Há duas atitudes comuns frente aos paradoxos. A primeira é lutar contra eles, procurando resolvê-los, porque indicam uma insuficiência e um defeito do instrumento humano de pensar. Mas é possível não ser tão tomado por um espírito de perfeição. Por que não haveria certas paragens do pensamento em que este deixasse de funcionar? Nos dois primeiros paradoxos que apresentamos – do mentiroso e do barbeiro – a dificuldade provém da auto-referência. Talvez sejam casos particulares da dificuldade do pensamento pensar a si mesmo. É possível que indique suas origens: o pensamento surgindo a partir de pensar as coisas, os outros.

E aí vai se desenvolvendo; quando se volta para si, precisa tomar cuidado, porque se trata de um meio diferente.

No entanto, é fascinante pensar o pensamento. Pode parecer que é como olhar o olhar do olho. Mas esta comparação não funciona, porque o olho faz parte de um sistema que é composto de nervos e do cérebro. De qualquer maneira, examinar o pensamento parece sempre algo que conduz a paradoxos. Há um exame possível que é da sua base material em órgãos do corpo. E há um exame do pensamento que se faz através de suas operações e dos seus conteúdos. Sempre foi paradoxal a tentativa de juntar as duas series.

Uma saída, provisória que seja, para esta dificuldade é admitir que os paradoxos fazem parte do jogo e que estabelecem limites para certas formas de pensar. Mas não será isto um derrotismo? O certo não é prosseguir indefinidamente, sem aceitar os limites?

Dissolver os paradoxos

Quebra-cabeças

Comparar as atividades de pensamento a quebra-cabeças, com suas peças que têm de ser juntadas é uma visão otimista, porque supõe que haja uma figura que tenha sido partida e que agora deva ser recomposta. Não quer dizer que estes quebra-cabeças não sejam interessantes, pelas suas dificuldades. Recordemos que há regiões cuja dificuldade está em que são da mesma cor e que, portanto, não há qualquer figura que possa servir como guia.

Estes quebra-cabeças puxam por capacidades intelectuais que permitem que se façam hipóteses, imaginem-se alternativas, efetuem-se testes. Há um pensamento científico e detetivesco que pode estar em ação. É um modo lógico-experimental que tem lugar.

Há, entretanto, outros tipos de quebra-cabeças mais perversos. Não há uma figura pré-definida que originou as peças. Estas se casam ou não se casam em pequenos grupos, e depois estes pequenos grupos montados podem ou não encontrar ligações. Até certo ponto, tudo parece ligar-se, mas, a partir de um momento, não há mais ligações que se fazem. Muitas hipóteses começam a ser feitas. Se tivéssemos montado outros grupos – e não estes que se encontram por aqui – talvez as ligações tivessem prosseguido. Mas os grupos que montamos foram os que se mostraram viáveis. Agora, não dá realmente para voltar atrás. Teríamos a coragem de desfazer estes grupos – estes ganhos! – e começar tudo de novo?

Há ainda um outro tipo de quebra-cabeças que, como os outros, é aqui referido para representar os movimentos do pensamento. É o caso de quebra-cabeça interativo, ou seja, a figura que vamos construindo vai ganhando complexidade com a própria construção. A figura não é somente construída aos poucos, mas o trabalho da construção interfere na natureza da figura. Não quer dizer que seja uma obra interminável. Este quebra-cabeça apresenta uma nova relação entre o sujeito (que tenta resolver o quebra-cabeça) e o objeto (o ponto final do quebra-cabeça). Eles interagem. Neste sentido, pensar esta interação, refletir sobre a natureza dos quebra-cabeças faz parte do jogo. Daí o interesse renovado pela filosofia.

Refutações

Há uma relação de amor e ódio com as refutações, isto é, com algo que vem negar o que se pretende verificar ou afirmar. Referimo-nos a refutações de duas proveniências. Uma delas é a própria experiência, que nega o que se pretende verdadeiro, ou impugna o projeto ou a prática que se pretende estabelecer. A outra refutação vem destes parceiros humanos, que não pensam do mesmo jeito, e que encontram insuficiências ou imperfeições naquilo que consideramos como o pensamento impecável.

A refutação, certamente, esmaga e mata e, portanto, em tantos círculos é absolutamente mal-vinda. Não estamos nos referindo a uma simples crítica ou observação que chama a atenção para dificuldades. Falamos de refutações, com todo o seu peso e a sua completude. Ela é demolidora e em certos casos arrasadora. Depois, nada resta senão partir do zero.

Certamente, as refutações não precisam tomar tal forma destruidora. Muitas vezes, é um pequeno movimento de refutação, uma pequena ideia bem colocada que vai agindo de forma destruidora e pouco a pouco tudo está por terra. O entendimento deste tipo de refutação solicita mais do que uma compreensão lógica, pois se refere à mais antiga das alianças infernais.

É possível ver quantas ideias são apresentadas e que depois circulam que poderiam ser facilmente refutadas e, no entanto, resistem. O que mostra pelo menos duas coisas. A primeira é que não é necessário sair refutando tudo: há coisas que não merecem refutações, porque são claramente inviáveis ou incapazes de gerar qualquer dano. A segunda é que para os que apreciam as refutações, é preciso sair como uma espécie de caçador e postar-se de modo bem situado e fornido, e esperar pela caça. Muitos pensarão que não interessa refutar até vir o indicado.

Mas há que se tomar muito cuidado. Em certos contextos sociais e culturais, o refutado continua se apresentando como se nada tivesse ocorrido, pois a maioria nem chegou a entender o alcance de suas teses, quanto mais compreender a refutação que foi efetuada.

Não conseguir refutar

O prazer da refutação

Há sem dúvida um pequeno grupo dos apreciadores da refutação. Reconhecem o prazer último que é encontrar a refutação que coloca um ponto final nas pretensões de uma tese, de uma loteria, de um projeto ou uma ideia. É de reconhecer-se que os estragos feitos podem ser grandes, pois houve tempo e outros recursos gastos que estão aparentemente perdidos. Mas a refutação, ao arrasar, mostra um poder temível, uma fonte de energia criadora. Está claro que não falamos no lado rábido da refutação, mas de seu aspecto lógico, sua capacidade de ver aspectos que não tinham sido percebidos, de mostrar brechas que ninguém tinha notado. Neste sentido, a refutação, um instrumento de ataque é também algo que nos revela onde se carece de defesa.

Está claro que todos preferimos as refutações falhadas, isto é, aquelas que mostram os defeitos e as fraquezas, mas permitem recomposições e fortalecimentos. Como muitas obras intelectuais não possuem a rigidez das coisas físicas de nosso mundo cotidiano, suas peças movem-se com mais facilidade e parece que frequentemente conseguimos uma recomposição.

Quando nos referimos a refutações destruidoras, lembramos como foi destruída a tese de que a terra era plana ou de que era o centro do universo, em torno da qual tudo o mais girava. A partir desta refutação, foi todo um mundo destruído, nada restando que se sustentasse, nem havendo, depois de algum tempo, os sinais dos seus escombros.

Neste sentido, as refutações mostram o grande poder do negativo, que já foi cultuado e que nos últimos tempos travestiu-se de tantas formas e, diante dos perigos desmesurados do mundo de hoje, parece mais que assustador.

Em um certo sentido, incorporamos na nossa própria forma de vida a refutação, que presta o seu serviço e aparece como domada. Mas não se entenda que pretendemos que qualquer força destruidora possa ser entendida como a refutação e que estamos valorizando uma anulação ou uma morte sem restrições.

A refutação, cuja positividade queremos afirmar, pode conter a dor. Contém, porém, um elemento construtivo que está contido em seu movimento. Só derruba aquilo que apresenta fraquezas e preza o que se pode sustentar.

Neste sentido, podemos fazer um hino aos refutadores e dizer que venham com todas as suas forças, porque precisamos descobrir se os artefatos que construímos estão realmente firmes. Para falar estrategicamente, precisamos verificar nossas defesas e portanto submetê-las ao ataque.

Confirmação

A busca de confirmações é inevitável e, depois de considerar as refutações e os seus temíveis não mais positivos, devemos examinar os efeitos do sim.

O que se encontra em jogo é a aceitação, uma experiência original, que acompanha o plano em que as coisas são. Pensando o universo como um todo e nossa experiência íntima, este círculo que ao mesmo tempo aparece como enorme e ínfimo, não podemos senão começar com uma afirmação.

A imaginação, que se estende em uma consciência mítica, sente e pensa que após um original vazio poderia ter se afirmado algo. Ou seja, em primeiro lugar seria o vazio, que é uma negação e que ecoa nas refutações. Mas mesmo o vazio, para o pensarmos, não podemos senão admitir que algo seja.

Podemos deixar como indecida a contraposição entre confirmação e refutação. Mas é difícil aceitar que a confirmação, o sim, não a preceda. Como é fácil aceitar a ideia de que a refutação venha sempre depois. Neste sentido, pensemos o sim e a confirmação como o original, com o qual mantemos um contato imaginário ou, quando possível (e dificilmente é possível), no plano místico.

Portanto, as confirmações que obtemos para as nossas hipóteses são apenas pálidas diante de uma asseveração original. E as refutações que se apresentam não podem ser temidas, por mais ameaçadoras que se mostrem, pois não são capazes de fazer retornar a um vazio integral.

O fato de que a confirmação não tenha efeitos destrutivos, como a refutação, faz com que esteja sujeita a ilusões. As falsas confirmações ocorrem, mas também, são desejadas, porque se gostaria de retornar definitivamente a uma confirmação original.

As confirmações falsas, que dão a impressão de uma aceitação que de fato não ocorre, encobrem o que não seria aceito, e são verdadeiras refutações que acabam por fazer os estragos maiores. Quem posta estas armadilhas? É mais fácil entender

a sua presença no interior da vida humana e em especial na sociedade, onde as manipulações estão presentes, e há uma exploração das fraquezas. Mas há confirmações falsas que estão além desta vontade de enganar e de ser enganado, precisam de explicações míticas, como uma que dissesse que a vida humana não pode se realizar inteiramente sem armadilhas.

Trata-se de uma experiência que assinala uma confirmação na origem e as refutações ao longo da vida. Até uma refutação final, que foi por muito tempo entendida como a porta que finalmente se abre para a confirmação original.

Crítica

Falamos na refutação e agora nos referimos à crítica. Submeter-se a refutações é se submeter a críticas. Portanto, são aparentadas. Mas a crítica nos interessa por outras razões. É mais ampla que a refutação. Está para esta como a guerra está para a batalha. A crítica é mais totalizante. Inicia-se na refutação e vai adiante, mostrando que condições mais gerais são insustentáveis.

Fazendo comparações tridimensionais, a crítica pode se dirigir à altura, à profundidade e à largura. Em termos de altura, a referência é a base. Qual o fundamento que possui o que está sendo criticado? Em termos de profundidade, pergunta-se até onde se vasculhou o que estava sendo examinado. E em termos de largura, qual a amplitude dos aspectos que foram considerados.

Podemos entender a crítica como um meio de avaliar se determinada ideia, convicção ou projeto é um lugar adequado para estabelecer uma morada, para nos instalar. A crítica avalia a possível morada e depois, se for o caso, inicia uma demolição que obriga a que seja abandonada.

A atitude cética é como andar armado, pronto para algum confronto. O sentido de criticar é duplo. É partir, fragmentar. Pela crítica queremos promover uma separação entre uma pessoa e suas convicções. Trata-se de despi-la de suas vestimentas e de seus ornamentos. Esta é uma das razões por que resiste à crítica: a vergonha da nudez.

O outro aspecto da crítica é promover uma crise, gerar uma insegurança e uma incerteza quanto a definições e decisões. A crítica bem sucedida gera uma crise.

Uma das respostas possíveis à crítica é incorporá-la. Isto significa não apenas tornar-se crítico dos outros, mas adotar uma crítica de si, o que não é fácil. Há uma atitude crítica que é insuficiente e outra que é feroz. Entre estes dois extremos, é difícil encontrar um ponto adequado.

A atitude crítica que foi incorporada de modo insuficiente é aquela que está à cata de justificativas e de confirmações e usa a crítica de si em poucas situações. Não possui ou não quer uma atitude suspeita em relação a si mesmo.

A atitude crítica feroz não permite construir, porque antes que as coisas estejam prontas já iniciou a demolição.

Incorporar um ponto de vista crítico é estabelecer certos meios para que a crítica esteja presente na maioria das situações. Significa, por exemplo, testar-se junto a experiências, expor-se a audiências. Uma das formas de verificar a força da crítica de que se está imbuído é voltar-se criticamente para os outros. Isto, certamente, acarretará respostas críticas que serão formas de se testar.

Vivemos em uma época extrema. De uma parte, a crítica parece incorporada. Sabe-se do que se trata e da sua necessidade. De outra parte, parece que a abundância de alternativas, a acumulação catalográfica de compreensões – que implicitamente se criticam – tornam-se a crítica como que inócua.

Quer dizer que de maneira sorrateira está-se instalando uma forma de dogmatismo, que desconhecemos. É um dogmatismo que não se sustenta sobre dogmas explícitos ou sobre as visões de um profeta ou de uma igreja. Parece ser um dogmatismo que se instala porque a realidade em movimento de transformação já é tão crítica que se deseja manter permanentes alguns padrões, mesmo que sejam os mais gerais.

Da inutilidade da crítica

Há que criticar a própria crítica? Será que a coerência exige que se vá a este extremo? Há duas críticas à crítica com as quais podemos começar.

A crítica é inútil porque estamos de tal maneira fincados em nossas convicções que a mudança é realmente difícil, senão da forma mais superficial, o que não é o propósito da crítica.

A crítica é inútil porque as transformações ocorrerão segundo outros padrões, especialmente pelos encontros casuais. A crítica envolve um trabalho de levantamentos materiais e de incorporações das críticas. Mas se a casualidade predomina, os custos podem ser mais altos e frequentemente mais baixos do que os da crítica. Isto quer dizer que a crítica pode estar saindo de moda.

Na verdade, pode haver uma história da crítica situado em um tempo limitado. Antes da crítica havia apenas ortodoxia – a questão certa – e os que se lhes opunham eram condenáveis não por questões de conhecimento, mas de pecado.

Agora, depois da crítica, ela parece insensível porque o ritmo de transformação do mundo segue outro roteiro.

O problema é muitas vezes o que criticar. Porque se tudo se encontra seguidamente em um certo estado de fluxo, já não servem as antigas armas da crítica acostumadas à rigidez e ao esforço de evitar a passagem do tempo. Agora, o dogmatismo que resta, a forma de conformismo que parece total, é uma fraca e simples defesa em um mundo em que nada deixa mais de dissolver-se.

Qual o lugar da crítica em um mundo que já vive e aceita que este é o lugar da impermanência? Será que criticar a crítica é a resposta a estas novas condições?

Não seria oportuno chamar de uma nova crítica, quando esta pode aparecer apenas como uma crítica da crítica? A transformação necessária poderia ser de um instrumento de guerra a um instrumento de paz. Não que suas formas anteriores deixem inteiramente de vigorar. Será, porém, apenas localizadamente. Em termos globais, neste mundo de impermanência a única alternativa é reconhecer o caráter enlouquecido dos desejos e propor-se que o seu destino mortal a nada conduz.

A crítica da crítica

Sistemas

O sistema é uma armadilha útil. Pode captar o que seria insensível, o que ficaria de fora, não possuindo um lugar. Um sistema permite supor que há ligações por toda parte e mesmo que não sejam vistas as relações entre algo e algo, podemos supô-las.

Em um primeiro nível de compreensão, o sistema é qualquer ordem que pelo menos exige duas partes. Mas o sistema começa realmente com três, pois contém três relações duplas e uma relação tripla. Daí em diante a complexidade só vai aumentando.

A primeira suposição do sistema é que haja uma ordem integral, e que todas as partes possuam os seus lugares.

A segunda suposição do sistema é que cada parte receba o todo mais do que foi a sua contribuição. Há uma espécie de injustiça de base. O todo vai adiante de todas as partes juntas.

A terceira suposição é que o todo seja até mais real que qualquer das partes, enquanto em nossa experiência comum é o oposto que se dá.

O sistema exige que invertamos nossa maneira comum de pensar, de sentir e de agir. Temos, à luz do sistema, de dar precedência ao não visto sobre o visto. Portanto, há um espécie de fé sistêmica.

Uma vez que se entra no sistema, não se encontra um caminho de saída. O sistema só leva ao sistema. Ou então, nos leva a um sistema superior que contém, ou a um outro, inferior, que não lhe é contido.

A iluminação que traz o sistema costuma ofuscar e as partes saem perdendo. Há, às vezes, a tendência a não ouvi-las, ou perceber que o sistema realmente não pode contê-las, sem alguma violência.

A parte que recusa-se a admitir como parte é uma espécie de rebeldia contra o sistema. Este não tem formas brandas de conter a rebeldia, porque uma vez iniciada não há como estancar o esvaziamento.

O sistema atua de modo distorcido. Mas as partes que querem afirmar sua independência a qualquer custo, também, promovem distorções. Torna-se realmente difícil de escolher entre o sistema e a parte.

Além dos sistemas

O caminho estreito é cruzado entre o sistema e a parte. Reconhece-se o proveito que o sistema propicia, mas é preciso perceber que há sempre algo que fica de fora. O que está de fora critica o sistema e pode fazê-lo porque conhece a sua insuficiência. Quem está no interior do sistema não encontra um meio de criticá-lo, a não ser dirigindo-se a um sistema que o contém. Isto é ficar mais prisioneiro ainda ao sistema.

Parece difícil destruir um sistema. Em geral, as suas portas de entrada são guarnecidas da seguinte maneira: só ingressa aquele que abdica de sua independência e torna-se parte do sistema.

Não é recomendável destacar-se dos sistemas, porque eles trazem vantagens de organização e permitem um acesso à totalidade. O difícil é conviver com eles e manter a independência. Neste sentido, só há uma forma de agir: cultivar o fragmento.

Cultivar o fragmento é mantê-lo em sua separação e lançá-lo ocasionalmente contra o sistema. Uma vez que tenhamos admitido a ideia de sistemas, é difícil entender uma parte independente que não seja fragmento., isto é, pertencente a um todo. Mas, entendemos o fragmento de outra forma: como um esforço continuado para se destacar, para cortar estes que podem estar distorcendo a sua afirmação.

Entendemos que o caminho único do sistema e o caminho único do fragmento são inviáveis. E o caminho que busca a sua combinação e a sua alternância também é difícil. Esta é uma das razões por que é difícil pensar.

Dialética

A dialética ocidental

A dialética oriental

O todo

As partes

Perguntas e respostas

Perguntas - I

As perguntas são pontos de interrogação colocados ao lado de afirmações. A maneira significa colocar uma afirmação que a predisponha a ser negada. Ou seja, buscar o sim ou o não. Como a afirmação já é o sim, a pergunta coloca a possibilidade de um não. Mas se a pergunta se coloca diante de uma negação, ela é a possibilidade de um sim. Desta forma, a interrogação é a possibilidade de uma inversão.

A pergunta produz dúvida e investigação. A dúvida é uma vacilação, que pode persistir indefinidamente. A afirmação que persiste consolida-se. A negação que persiste transforma-se em seu contrário. Mas a dúvida vai apenas aprofundando-se, não persistindo finalmente qualquer coisa.

Nem toda interrogação é uma dúvida, mas é um caminho desta. Nem se pode deixar que a interrogação não se encaminhe para a dúvida. E esta é dissolvente e há boas razões para não aceitá-la senão em pequenas doses. As dúvidas mais profundas são sobre se vale a pena viver e se é possível atingir alguma verdade.

A interrogação não-destrutiva é a disposição para investigar. Não dispor de ideias certas e, portanto, perguntar-se leva a buscar a verdade. A busca pode se generalizar e tornar-se infinita: a investigação da investigação da investigação. Ou então expandir-se e colocar a investigação em varias direções.

Por que se pergunta? Há duas respostas que se complementam. Pergunta-se porque não se sabe. Mas poderíamos permanecer neste não saber. Este desejo de saber define a humanidade e talvez tenha por detrás de si a necessidade de saber, ou seja, perguntar como condição de sucesso.

Perguntas - II

Há algumas perguntas que não são de sucesso; são as de mera curiosidade, e há aquelas voltadas para os enigmas. Nestes dois casos, as perguntas constituem o jogo de perguntar e, neste caso, a indagação não tem a ver diretamente com os propósitos de viver e sobreviver.

Os jogos infantis de perguntas – “o que é, o que é?” – podem ser uma preparação para perguntas mais sérias, ou, apenas, um exercício de nossa humanidade. A curiosidade, se tivesse uma explicação ou uma origem, apareceria como utilidade, o que lhe retiraria a essência. Quer-se saber por que se quer saber (uma expressão tão repetitiva quanto o citado “o que é, o que é?”). Talvez seja explicada pelo excesso de energia ou pelo gosto de uso dos instrumentos ou meios de conhecimento.

A curiosidade não tem realmente limites, e é uma forma como se põe o mundo de modo escancarada ou é a mostra que existe um modo que pode ser escancarado das coisas do mundo. A curiosidade está voltada para o que não é acessível – isto é, alguma forma de segredo – ou é distante.

A pergunta que se refere ao enigma vive outras condições. Existe a possibilidade do enigma não ser resolvido ou respondido. Existe também a possibilidade de um enigma ser respondido por outro e assim sucessivamente. Na verdade não há necessidade de resolver definitivamente um enigma, e é muito prazeroso resolver um apenas para encontrar outro.

Respostas - I

Encontrar uma resposta é a experiência de conclusão, de arremate e de fechamento. Como encontrá-la? É uma postura de atenção e de entendimento e que contém algum tipo de intuição, que impede a pessoa de perder-se por caminhos que não levam a lugar algum. Apenas após algum tempo, em que os sinais tornam-se mais inequívocos, é que sabemos que estamos a andar pelo caminho certo, até possuímos a aleatoriedade das apostas ou algum senso de quem já acertou algumas vezes. Mas se considerarmos que as perguntas mais interessantes são aquelas novas, em relação às quais se sabe muito pouco, reconhecemos a presença do aleatório e do inesperado na produção de respostas.

Há uma diferença entre possuir respostas e ser capaz de encontrá-las e ela é bem grande. A coleção de respostas, a não ser que sejam dinamizadas na busca de novas respostas, parece destacá-las das perguntas e ser menos um instrumento de conhecimento do que de poder.

Ser capaz de encontrar respostas não é nenhuma garantia. Parece que há um tempo limitado para fazê-lo, que corresponde ao tempo de criatividade de uma pessoa. Não sabemos por que é tão limitado e pode ser que o fato de ter encontrado respostas, uma série delas, inviabilize buscar novas. É como se tivéssemos de ir ao *front* o mais leve possível. No entanto, há que levar uma carga, sem a qual nada será possível fazer. Afinal, quem escolhe a carga?

Respostas - III

Temos de aceitar a ideia de que há respostas que jamais encontramos. Será por que a pergunta foi mal formulada? Ou, então, é uma questão de limitações e incompetências? Os dois casos aproximam-se e dizem respeito a uma certa incapacidade humana. Mesmo pensando em uma comunidade de investigadores ao longo do tempo, cujas inteligências se corrigem ou se completam, seria impossível pensar em alguma pergunta que não temos capacidade para responder?

Isto parece pouco compreensível. Talvez fosse o caso de ir adiante e pensar nas perguntas que não somos capazes de elaborar. Mas aqui o exercício é quase cômico e sai do âmbito do pensamento, porque podemos pensar nas respostas para as perguntas que nem somos capazes de fazer.

Está claro que poderíamos dividir o trabalho entre os que sabem fazer perguntas e os que sabem respondê-las. Estes, talvez, tivessem uma capacidade de compreender as perguntas que aqueles que as fizeram não têm. Mas isto parece incompreensível: será que as perguntas surgem assim, sem grandes razões, e aqueles que sabem fazer perguntas seriam, apenas, receptivos a elas?

Entramos agora no âmbito da receptividade. O jogo entre os que fazem perguntas e os que respondem é um jogo de algum grau de passividade, chamado de receptividade. Desta forma, as perguntas e as respostas parecem provir de algum lugar e somos apenas o canal para transmiti-las. Certamente, não é apenas isto. Há um esforço de elaboração e construção, embora haja os momentos de parada em que as coisas foram dispostas, e o que se tornou preciso foi simplesmente ouvir.

Saber das respostas é uma habilidade que tem a ver certamente com fazer as perguntas. Nos dois casos, temos de encontrar um ponto, uma espécie de ângulo em que as coisas se evidenciam. A elaboração e a construção são capazes de nos levar a algum lugar, mas daí em diante podemos ir a poucos lugares sem uma espécie de disposição.

Em todos os casos, há nós e algo que é maior que nós. Este maior pode ser a capacidade do grupo de que fazemos parte, algo que se encontra no interior e nos limites de sua experiência. E há algo que está além do grupo, nas próprias coisas que, uma vez trabalhadas, revela.

Problemas e soluções

Problemas

Quando a resposta à pergunta não é imediata, temos um problema. Consiste ele em um obstáculo, uma dor. A diferença entre o problema e a pergunta no caso de a resposta não ser imediata, estamos diante de um problema. Para dar a resposta precisamos resolver o problema.

O problema precisa ser resolvido, isto é, dissolvido. Há algo – a solução – que irá desfazê-lo.

Há uma variedade de problemas, e o que encontramos à nossa volta, compondo a vida, é o conjunto de soluções. O problema é uma espécie de realidade desfeita e encarada. A solução é a ordem trazida de volta.

A vida é marcada por problemas que podem ser apenas usuais, que a compõem, ou então coloca-a inteiramente em questão: resolver o problema é defender a própria vida. Há formas de evitar os problemas que consistem em adiar indefinidamente a sua solução, esperando que eles se resolvam por si. Podemos olhar os problemas de frente ou deles escapar. Neste caso, os problemas vão se acumulando, formando uma rede, de modo que, para resolver um deles, é preciso ter enfrentado os demais. Como não é possível sempre estar em dia com os problemas, sempre estamos às voltas com uma série deles.

Soluções

Sempre encontramos, em primeiro lugar, as soluções que foram dadas aos problemas fazendo com que fossem dissolvidos. É como se as soluções escondessem por detrás de si os problemas que aparecem. É verdade que se víssemos os problemas na sua série, no seu encadeamento, a vida tomaria outra face, aparecendo mais ameaçadora e muito mais instável.

Aprendemos muito mais soluções do que enfrentar os problemas diretamente. Somos um conjunto de soluções em busca de problemas. De fato, nossa formação, tudo o que aprendemos são principalmente a herança da série de soluções dadas aos problemas com que se houve a humanidade ou o nosso grupo particular. Só uma sofisticação ou uma tendência particular é que nos leva a olhar os problemas

de frente. A dificuldade dá-se quando encontramos diretamente o problema, quando a solução não está disponível ou quando a série deles que possuímos não permite nada.

Cada objeto de qualquer natureza que faz parte do mundo humano foi uma solução encontrada. A imperfeição de nosso mundo caracteriza-se por não haver soluções sem defeitos. Portanto, há sempre problemas nas soluções. Quando a solução é perfeita, dissolvem-se ambos.

A solução é um trabalho de ordenamento ou de reordenamento. Às vezes é simplesmente uma forma de colocar os termos do problema. Outras é algo que anula as causas dos problemas. Em um sentido bem simples, todas as soluções participam de umas poucas formas. O objetivo é terminar com o problema.

As soluções são ferramentas.